

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 117 / AGOSTO, 1999 / Nº 2.045

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial– Esclarecendo

Os Espíritas -Juvanir Borges de Souza

Imortalidade da Alma -Ismael Ramos das Neves

“Espiritismo Independente” -Iraldo Lacerda Lima

O Egoísmo -Robinson Soares Pereira

Os Lameques da Vida... -Richard Simonetti

Deus -Washington Borges de Souza

A Sexualidade Humana Perante a Lei da Reprodução -Victor Ronaldo Costa

Morte, Um Fenômeno Sem Realidade? -Adésio Alves Machado

Oração de Filho -Passos Lírio

Esflorando o Evangelho -Ergamo-nos -Emmanuel

“O Livro dos Espíritos” e a Física Moderna - Os Espíritos Antecipam a Verdade -
Sérgio Thiesen

1º Congresso Espírita Brasileiro - Temário Oficial

A FEB e o Esperanto - Esperanto: Esperança dos Espíritos - Afonso Soares

O Leproso -João de Deus

FEB/CFN – Comissões Regionais -Reunião da Comissão Regional Sul

Questões Acerca da Natureza do Espiritismo II – Revisão da Terminologia

Espírita? -Silvio Seno Chibeni

Argumentos Científicos Contra o Aborto -Marlene Rossi Severino Nobre

Aborto -Allan Kardec

Seara Espírita

Nota: No livro que ilustra a nossa capa – Grandes Vultos da Humanidade e o Espiritismo - seu autor, Sylvio Brito Soares, demonstra claramente, através de relatos de suas próprias vidas, que os vultos geniais das Ciências e das Artes, em verdade, revelaram-nos acumuladas reminiscências de passadas existências e também tudo o que puderam perceber, como médiuns, das verdades, belezas e harmonias do plano espiritual, aonde se transportaram em momentos de êxtase ou momentâneo estado de

emancipação de suas almas, em parcial desprendimento.

Editorial

Esclarecendo

Às vésperas das comemorações do “Pacto Áureo”, aquele feliz acontecimento dos idos de 1949 que tornou possível o entendimento dos espíritas sinceros no grande esforço de unificação do movimento espírita do Brasil, vale a pena lembrar fatos e esclarecer algumas dúvidas que afloram, ainda hoje, em comentários destituídos de fundamentação.

A Federação Espírita Brasileira nasceu **federação**, época em que, instituição espírita como diversas outras então existentes, nada havia a federar, em sua organização inicial.

Esse fato faz presumir uma inspiração voltada para o futuro, numa projeção que nem mesmo seus fundadores conseguiram compreender.

Somente quando diversas Casas Espíritas começaram a congregarem-se em torno dela, Federação, compreendeu-se o porquê de sua denominação inicial.

Antes e depois da Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro, de 5 de outubro de 1949, propostas foram feitas no sentido de transformar a FEB em confederação.

As propostas, fundamentadas ou não, sinceras ou não, sempre foram repelidas com base na natureza e na índole da Doutrina Espírita.

Ainda hoje, os que pensam na constituição de uma **confederação** para congregar, filiar, unificar e resolver os problemas do Movimento Espírita incidem em erro enorme, criação de verdadeira camisa-de-força imposta ao Movimento, com conseqüências gravíssimas, não só contra a sua organização, mas principalmente em contraposição à Doutrina Espírita.

A confederação política, sindical, representativa de classes sociais pressupõe sempre uma hierarquia, uma pirâmide de poderes superpostos.

Essa característica própria das confederações de qualquer natureza não se coaduna com o caráter do Espiritismo, doutrina de liberdade com responsabilidade, que não impõe, não baixa ordens para serem obedecidas obrigatoriamente.

A hierarquia e a superposição de poderes adotados pela Igreja Romana, por exemplo, seriam a conseqüência da adoção do princípio confederativo no Movimento Espírita, com a eclosão das ambições pessoais e as fatais hegemonias geográficas e grupais.

Como ficariam a autonomia e a independência das Federativas Estaduais e dos Centros Espíritas do Brasil?

Meditemos nessas questões, especialmente os espíritas que, de boa-fé, mas sem responsabilidade direta no Movimento, propugnam por suas idéias pessoais, sem medir as conseqüências desastrosas delas resultantes.

Mas, sobretudo, cultivemos os ideais de fraternidade, com liberdade, que desfrutamos dentro de nossa organização. ●

Os Espíritas

JUVANIR BORGES DE SOUZA

O espírita verdadeiro é o homem de bem. É aquele que procura cumprir as leis divinas, sintetizadas no Amor e na Justiça. Confunde-se com o cristão autêntico, ou seja, aquele que segue os ensinamentos do Cristo, não o que usa apenas o rótulo das religiões ditas cristãs.

Será o espírita o homem perfeito? Evidentemente que não.

Distingue-se o espírita não pela sua perfeição, inatingida no estado evolutivo em que se encontram todos os habitantes dos mundos inferiores, de expiações e de provas, como a Terra.

O que o caracteriza é o esforço para melhorar-se moral e intelectualmente.

Deixou-nos Allan Kardec uma orientação lapidar na qualificação do espírita sincero, daquele que, aceitando os princípios da Doutrina Consoladora, procura pautar suas ações, seus pensamentos e seu convívio com as outras criaturas sempre orientado no sentido do Bem.

Nesse processo permanente, nessa busca incessante de um procedimento preocupado com a retidão, com a compreensão do próximo, com a fraternidade e com o auto-aperfeiçoamento contínuo, *“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”*, na palavra do Codificador. (“O Evangelho segundo o Espiritismo”- pág. 276 da 115. ed. FEB.)

Ao examinar-se o procedimento do espírita verdadeiro surge uma indagação obrigatória quanto às regras de conduta que devem ser adotadas e seguidas pelo adepto.

O estudo da Codificação não deixa margem a dúvidas quanto à regra moral a ser seguida.

Mas é o Codificador que reafirma, com toda clareza, de forma positiva e incisiva, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”:

“O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam”.

Não poderia ser mais clara e peremptória afirmação tão importante no que concerne à moral espírita, a parte da Doutrina dos Espíritos que mais atende às necessidades dos habitantes deste Orbe.

A moral espírita é a mesma deixada à Humanidade pelo Cristo de Deus, interpretada e aclarada à luz da Nova Revelação, diante da evolução das inteligências e dos conhecimentos, em dezoito séculos, desde a vinda do Governador Espiritual da Terra.

Diante de princípios tão evidentes que fazem parte integrante da Doutrina dos Espíritos, ressaltados ainda pelo seu Sistematizador, torna-se difícil entender por que alguns adeptos procuram, em seus entendimentos, desvincular a Doutrina Espírita do Evangelho de Jesus, o repertório onde ficaram preservados os ensinamentos morais do Mestre Incomparável.

Esse esforço para a desvinculação da Doutrina Espírita do Evangelho, de difícil compreensão pelos espíritas verdadeiros e sinceros, tem, entretanto, sua explicação natural baseada em fatos diversos, uns vinculados à natureza humana, complexa e por vezes contraditória, outros decorrentes da abrangência da própria Doutrina.

Na grande massa de Espíritos que aceitam o Espiritismo, atraídos pelos seus princípios e postulados, pela sua filosofia e pelos fatos e realidades revelados pela Espiritualidade Superior, nem todos apreendem a extensão da Doutrina nos diversos campos do conhecimento e do sentimento.

Muitos intelectuais espíritas trazem bagagens de filosofias e religiões que adotaram no passado e que ainda influenciam seu entendimento na atualidade.

Outros não conseguiram se desvencilhar de antigos hábitos arraigados, provenientes de vidas anteriores.

A aceitação do fenômeno mediúnico como fato indiscutível nem sempre desperta o interesse para o estudo da Doutrina, que é essencial.

Noutros, o alcance moral, fundamental na Doutrina, é colocado em plano secundário, parecendo-lhes mais importante os aspectos científicos e as pesquisas e práticas dos fenômenos.

De outro lado, pode-se observar que homens de inteligência desenvolvida, aplicada em vários campos do conhecimento, têm dificuldade em apreender o sentido global e transcendente da Doutrina Espírita, enquanto outros, criaturas comuns, que não se destacam da normalidade no seio da sociedade humana, apreendem o sentido e a índole da Nova Revelação com relativa facilidade, tornando-se bons espíritas.

Além dessas nuances enfocadas, facilmente observáveis no Movimento Espírita, há que se considerar também a poderosa influência da vaidade, da inveja e do ciúme, variações do egoísmo e do orgulho, incitando o personalismo excessivo, a intolerância deprimente e incompatível com uma Doutrina de amor e de liberdade.

Todos esses fatores contraditórios na natureza humana e, portanto, também entre os espíritas, só podem ser combatidos e sanados, em cada seguidor, com o cultivo do senso moral oferecido pela Doutrina e pelo Evangelho de Jesus.

A maturidade do espírita não pode ser encontrada naqueles que conhecem apenas intelectualmente o Espiritismo, ou nos que se interessam basicamente pelos fenômenos e pesquisas científicas, sem que se dediquem também ao aperfeiçoamento contínuo da sensibilidade moral, que conduz o adepto à prática do amor e ao senso de justiça.

No mundo material em que vivemos é indiscutível a influência da matéria e do materialismo sobre os Espíritos.

Sem o perceberem, espíritas cultos adotam idéias provindas do utilitarismo, uma variação do materialismo, com os generosos conceitos espíritas, forjando deduções prejudiciais à pureza da revelação dos Espíritos.

Inadvertidamente, a vaidade e o culto egoístico do prazer individual se mesclam com os postulados espíritas, daí resultando desvios que encontram seguidores que se fanatizam.

*

A intolerância no seio do Movimento é outro escolho que prejudica

enormemente as relações entre os espíritas.

À Doutrina se fundamenta em princípios que constituem sua base. Esses princípios estão claramente expostos na obra básica - "O Livro dos Espíritos".

Allan Kardec, para facilidade do entendimento da Doutrina que codificou, resumiu esses princípios logo na *Introdução* do livro básico, item VI.

É lógico que o verdadeiro adepto precisa aceitar todos esses princípios, sem o que não pode ser considerado *espírita*.

Esses postulados, princípios fundamentais, desdobram-se infinitamente, em ensinamentos e novas revelações feitas pelos Espíritos, estudos, observações e pesquisas feitas pelos homens, complementações e observações do Codificador, daí resultando a riqueza e a abrangência de uma Doutrina superior.

Todos os espíritas precisamos estar concordes no tocante aos princípios básicos e no que resultou de verdadeiro e fundamentado nesses princípios.

Mas é evidente que, nesse vasto acervo decorrente dos princípios fundamentais, expostos em milhares de obras, nem tudo deve ser aceito e considerado verdadeiro senão após a comprovação definitiva de sua procedência.

O espírita precisa, pois, ser cauteloso diante das novas informações, sejam de origem humana ou mediúnica.

O que não se justifica é a intolerância do espírita, diante da própria natureza superior da Doutrina.

Não há nenhuma razão que justifique a repetição da intolerância no seio do Movimento Espírita, tal como ocorreu e ocorre nos movimentos religiosos de várias denominações, no Ocidente e no Oriente.

Vigilância, sim, mas não intolerância.

O Cristo nos pede vigilância. O Codificador nos adverte, solicitando tolerância, aliada ao trabalho e à solidariedade.

A intolerância em nosso Movimento é sinal de imaturidade, desconhecimento da natureza superior da Doutrina, presunção de sabedoria inexistente, repetição de erros religiosos que resultaram em guerras, perseguições e autoritarismo.

Cultiva prevenções contra os que não lhes partilham todas as idéias é uma forma de negar os ensinamentos do Consolador.

Aceitar a Doutrina Espírita, na sua beleza e implicações de ordem moral, exige do adepto esforço constante na prática do amor, da justiça, da caridade.

Sua fé se torna mais forte justamente porque seu amor ao Criador e às criaturas se conjuga à sua razão esclarecida.

O espírita sincero é respeitoso quanto às crenças e convicções alheias, mesmo que contrariem as suas, porque está diante da necessidade de conviver com todos os seus companheiros de jornada, num mundo em que o sábio, o ignorante, o bom, o mau, o espiritualizado, o materialista e toda a gama humana, das mais diferentes posições, partilham experiências múltiplas.

A Doutrina é o seu guia e a sua luz.

Há um pensamento de Melancton, o grande reformista do século XVI, que se ajusta perfeitamente às aspirações do Movimento Espírita, pela sua sabedoria e abrangência: "*Unidade no essencial, liberdade naquilo que é duvidoso e caridade em tudo*". ■

Imortalidade da Alma

ISMAEL RAMOS DAS NEVES

A idéia da imortalidade da alma, que se constitui num dos fundamentos da vida religiosa – porque está consubstanciada em todas as doutrinas espiritualistas -, é amplamente explicada pelo Espiritismo, cuja fenomenologia fortalece a crença, através de fatos irrefutáveis, identificados pela pesquisa científica e constatado por bilhões de pessoas no mundo inteiro.

O túmulo é apenas um interstício entre a vida na Terra, onde o Espírito encarnado encontra-se condicionado à ponderabilidade, e a vida no plano espiritual, plena e dinâmica!

O grande escritor Arthur Conan Doyle, em seu substancioso livro intitulado “História do Espiritismo” oferece-nos subsídios valiosos, como provas incontestáveis da ação dos Espíritos desencarnados. Por outro lado, William Crookes, figura de grande projeção na pesquisa científica, desdobra-nos, com o seu livro “Fatos Espíritos”, um painel de fatos que testemunham a comunicabilidade dos Espíritos através da ectoplasmia ou materialização. De igual modo, Ernesto Bozzano, Gabriel Dellane, Cesar Lombroso, Angel Aguarod, Conde de Rochas, Paul Gibier e numerosos outros pesquisadores ofereceram uma contribuição valorosa após suas investigações com relação aos fenômenos espíritas.

Enquanto isso a Bíblia, o Grande Livro, registra uma ampla visão da fenomenologia mediúnica, culminando com a transfiguração do Tabor, onde Jesus de Nazaré assistiu, em companhia de alguns de seus discípulos, à materialização de Moisés e Elias. No mundo antigo a História identificou grandes civilizações que ressaltavam a imortalidade da alma. Aliás não podemos esquecer Sócrates, grande filósofo da Grécia antiga que iluminou as gerações com o testemunho inolvidável de sua crença na sobrevivência do Espírito após a morte do corpo físico!

É indiscutível, pois, que a vida prossegue além do processo desencarnatório. Allan Kardec, no capítulo 8 de “O Livro dos Médiuns”, analisa a vida dos Espíritos errantes, ou seja, dos seres extracorpóreos na erraticidade, os quais são em geral os seres que viveram na Terra e que após a desencarnação vão esperar o ensejo de voltar a este mundo para uma nova existência material. Desaparece, assim, aquela visão alegórica que nos é mostrada por numerosas escolas religiosas que transmitiram às gerações a idéia das penas eternas.

O Espiritismo vem demonstrar com fatos insofismáveis a vida no mundo espiritual, onde se encontram nossos entes queridos que se ausentaram pelo processo da desencarnação. Não existe o inferno eterno, nem o céu apenas contemplativo. Na incomensurabilidade do espaço cósmico, não há um lugar determinado para existência do inferno nem para delimitação do céu. A Doutrina Espírita demonstra-nos que o céu e o inferno são condições individuais que caracterizam os seres extracorpóreos em estado de felicidade ou de perturbação.

O Espírita desencarnado leva consigo o círculo de sombras ou de claridade em que se encontra segundo os valores de sua consciência. Se fez o bem, quando na Terra, encontra-se desfrutando da paz de consciência, pelo

dever cumprido; e, se fez o mal, junto aos seus irmãos no plano material, permanece envolto na sombra dos seus erros embora com a possibilidade de reabilitação. Em razão disso, os corações queridos que ultrapassaram a barreira do túmulo experimentam, no plano da vida espiritual, os resultados de suas próprias obras.

A propósito, o Codificador do Espiritismo ofereceu-nos o livro “O Céu e o Inferno”, com depoimentos dos Espíritos desencarnados apresentando as condições de felicidade ou de inquietação em que se encontram.

Abordando a ação dos Espíritos desencarnados, o Irmão X, em mensagem psicográfica através do médium Francisco Cândido Xavier, intitulada *Treino para a Morte*, mostra que o indivíduo que na Terra se deixou vencer pelos vícios permanecerá na sombra de sua desdita, enquanto que o Espírito encarnado que se esforça por cultivar as virtudes desfrutará, na vida espiritual, de um campo de manifestação luminoso, porque cada um colhe o que semeia, respondendo inelutavelmente pelos atos bons ou maus que praticou, pois Jesus nos ensinou claramente: “A cada um será dado segundo as suas obras”. ■

“Espiritismo Independente”

INALDO LACERDA LIMA

“Inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, nós abrimos o caminho para o Espiritismo cristão”. *Allan Kardec*. Revista Espírita de abril de 1866, p.114 – EDICEL.

Conforme se lê na Revista Espírita de abril de 1866, página 112, da tradução de Julio Abreu Filho, e publicação da EDICEL, certa feita Allan Kardec foi surpreendido com uma carta que falava do projeto de um periódico com o título de *Journal de Spiritisme Indépendant*. E que ele, Kardec, considerou que tal idéia seria corolário do **Espiritismo sem os Espíritos**.

E faz, em seu artigo, indagação curiosa: “Que é o Espiritismo independente? Independente de quê?” Comenta, então, uma outra carta que diz, claramente, tratar-se do “Espiritismo liberto, não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe, cuja opinião não pode fazer lei, desde que não é infalível”. Eis, irmãos espíritas, os amargos pedaços que o nosso ínclito missionário teve muitas vezes que engolir!...

A Codificação do Espiritismo, todavia, não estava entregue a qualquer um. E ele, após sensatos comentários à idéia de um Espiritismo independente, independente até dos próprios Espíritos superiores que o inspiravam, declara, pacientemente: “Não se deve perder de vista que o Espiritismo não está enfeudado num indivíduo, nem nalguns indivíduos, nem num círculo, nem mesmo numa cidade, mas que seus representantes estão no mundo inteiro e que entre eles há uma opinião dominante e profundamente acreditada, julgar-se forte contra todos, porque se tem o apoio de sua roda, é expor-se a grandes decepções.”

Comenta, ainda, enfaticamente: “Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais e a de suas conseqüências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos assim foi por ela que os Espíritos começaram; a segunda, que dela decorre, é a única que pode levar à transformação da humanidade pelo melhoramento individual. *O melhoramento é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. É para ele que deve tender todo espírita sério*”.(Grifamos).

Afirma, a partir daí, que o Espiritismo tem uma bandeira na qual ele, o Codificador, escreveu: *Fora da caridade não há salvação* “máxima aclamada, em seu aparecimento, como o sol do futuro (...)”.

Diz-nos o grande missionário, inspiradamente que “inscrevendo no frontispício do Espiritismo a suprema lei do Cristo, nós abrimos o caminho para o *Espiritismo cristão*”. E nos assegura com sublimada humildade: “Se outros puderem fazer melhor que nós não iremos contra, porque jamais dissemos: ‘Fora de nós não há verdade’”. E conclui o seu pensamento: “(...) não damos ordens a ninguém, pois não temos qualidade para tanto”.

Kardec interroga, e sentimos em suas palavras quanto dói, quanto machuca o látego da incompreensão e do despeito: “De que autoridade incômoda entendem libertar-se os que querem o Espiritismo independente, desde que nem há poder constituído nem hierarquia fechando a porta a quem

quer que seja, de vez que não temos sobre eles nenhuma jurisdição e que se lhes agrada afastar-se de nossa rota ninguém poderá constrangê-los a aí entrar?”

Sentindo atentamente o pensamento vivo de Allan Kardec, vemos por que tem sido tão difícil unificar a Doutrina Espírita quanto ao coração de todos os espíritas!

Conhecemos de perto, por exemplo, a luta, o esforço, o devotamento da Casa de Ismael, em torno do lábaro **Deus, Cristo e Caridade**, como premissa maior no sentido de sua fidelidade à causa do Consolador. É que ela sabe tudo o que lhe cumpre fazer na tarefa de exercer a função que lhe foi destinada desde a sua fundação: jamais cultivar o espírito de um Espiritismo independente nem absoluto.

Ela é consciente, como instituição, das luzes que iluminaram a alma grandiosa do missionário da Terceira Revelação, no cumprimento do compromisso para o qual foi pelo Alto convocado.

Allan Kardec tinha a convicção de que a azedia que impulsionava alguns à busca de um Espiritismo independente não era e não é maldade, nem indisciplina, talvez um espírito de entusiasmo gerado pelo deslumbramento nos corações ainda assinalados por uma espécie de imaturidade espiritual, que nada tem a ver com cultura intelectual ou acadêmica.

Daí o esclarecimento do mestre lionês: “(...) temos uma linha traçada e dela não nos desviamos para agradar a ninguém”. E concluindo o seu artigo, justifica-se com humildade e paciência: “Em resumo, o Espiritismo independente seria aos nossos olhos uma insensatez porque a independência existe de fato e de direito e não há disciplina imposta a ninguém. O campo de exploração está aberto a todos; o juiz supremo do torneio é o público; a palma é para quem a sabe conquistar. Tanto pior para os que caem antes de atingir a meta”.

Em verdade o que é o Espiritismo? Um sonho? Uma mera idéia? Uma simples teoria envolta num cortejo de princípios emanados de uma mente iluminada superprivilegiada?

Repitamos: É o cumprimento de uma promessa! – Estamos esquecidos? É uma revelação de Deus, nosso Pai, a toda a Humanidade, cujas mensagens que se despenham do Alto são apelos à razão e ao coração de todos os homens. Não veio para os espíritas, veio para a Humanidade! Os espíritas somos os novos seareiros que temos o papel e o dever de exemplificar aos homens a fé raciocinada, a bondade, a fraternidade e o amor crístico!

Vale a pena refletir mais e mais, exercitando a paciência e o espírito de humildade, sem exasperação de orgulho ou vaidade, a fim de sermos contados, na hora gravíssima que estamos atravessando, entre os credores das bem-aventuranças de que nos fala o inolvidável Sermão da Montanha! ■

O Egoísmo

ROBINSON SOARES PEREIRA

Na questão 913 de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec questiona os Amigos espirituais: - *Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical? R.: “Temo-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo.”* (...).

Em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, no capítulo XIV – *Amar o próximo como a si mesmo* – os Espíritos Emmanuel (Paris, 1861) e Pascal (Sens, 1862) afirmam que o egoísmo é a negação da caridade, obstando a felicidade dos homens.

Lamentavelmente, vemos, de fato, que o egoísmo ainda impera na grande maioria dos habitantes do Planeta. Quando vamos auxiliar a alguém, costumamos dar daquilo que nos sobra, que não utilizamos mais. Raros são os que dão do que ainda lhes é necessário.

Quando vamos empreender alguma ação, temos sempre o cuidado de verificar se irá nos trazer algum gasto e de quanto. E muitas vezes, em função disso, reduzimos a ação ou até mesmo não a efetivamos.

Vemos, com muita tristeza, doenças que avançam, ceifando vidas, como o câncer e a Aids, que até o momento não dispõem de remédios que permitam a sua cura. Talvez, pelo egoísmo que faz com que pesquisadores no mundo inteiro trabalhem isolados para garantir aos seus laboratórios ou patrocinadores a exclusividade da descoberta que pode estar sendo retardada por esse egoísmo, que não permite trabalharem em conjunto nas pesquisas. Dez ou vinte cabeças juntas pensam mais e melhor do que apenas uma. Trocam idéias apenas em seminários mundiais, que ficam na superficialidade dos *slides*, transparências, etc., quando o trabalho prático em equipe, de sábios nessas áreas, poderia surtir mais efeito.

E o que dizer do egoísmo político que lesa a população por vaidades pessoais e orgulhos mesquinhos, impedindo que muitos políticos pensem no coletivo e não em favores pessoais, promovendo o sectarismo de estados, municípios e até de bairros?

Até quando o egoísmo e o orgulho continuarão exercendo o seu reinado, contrário ao que pregava Jesus, enaltecendo sempre a humildade e a caridade como as duas maiores virtudes que devem nortear a vida dos homens?

É inconcebível encontrarmos ainda, dentro do Movimento Espírita, dirigentes atrasados na maneira de pensar, que chegam a proibir que os freqüentadores da “sua” casa espírita participem de reuniões de caráter doutrinário, como palestras, estudos, encontros, em outras casas espíritas, num descaso pelo esforço federativo da Unificação do Movimento Espírita através da integração das Instituições, cerceando a troca de experiências que contribuem em muito para o aperfeiçoamento dos trabalhos, promovendo proselitismos equivocados e antifraternos.

Com certeza, Jesus não deve estar satisfeito por ver que situações como essas ainda persistem na face do Planeta, contrariando a sua mensagem de amor e união entre todas as criaturas. Conforme conta o Espírito Hilário Silva no livro “A Vida Escreve”, psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, sob o título *Visão de Eurípedes*, Jesus, num diálogo com Eurípedes (desdobrado), diz chorar não pelos descrentes do mundo, *mas por todos os que*

conhecem o Evangelho e não o praticam... ■

Os Lameques da Vida...

RICHARD SIMONETTI

Revela o evangelista Mateus (18:21-22) que durante uma das pregações de Jesus, quando falou sobre o perdão, Simão Pedro perguntou:

- *Senhor, quantas vezes terei de perdoar ao meu irmão que pecar contra mim? Será até sete vezes?*

Segundo a orientação rabínica, ao tempo de Jesus, seria razoável perdoar as ofensas dos irmãos até três vezes.

Num relacionamento conjugal, por exemplo, depois da terceira impertinência da mulher, o homem poderia dispensá-la com a famigerada *carta de divórcio* ou, como se diria na linguagem popular, dar-lhe uma *coça*.

Demonstrando ter assimilado as lições de Jesus, Pedro, num rasgo de boa vontade, eleva esse limite.

Parece-lhe razoável perdoar até sete vezes.

Jesus vai muito além:

- *Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.*

A resposta de Jesus relaciona-se com um episódio do Velho Testamento.

Quando Caim matou seu irmão Abel, por inveja, Jeová o condenou a vagar sem destino – *fugitivo e errante serás pela terra* (Gênesis: 4-12).

Caim lamuriou-se:

Se partisse sozinho, sem defensores, poderia ser morto por algum desconhecido.

Temor infundado.

Se existiam apenas Adão e Eva; se os dois tiveram como filhos Abel e Caim; se Caim matou Abel, quem poderia ameaçá-lo?

Surpreendentemente, Jeová não levou em consideração esse disparate e proclamou que se alguém o matasse seria castigado *até sete vezes*. O fraticida deveria viver muito para sofrer as conseqüências de seu crime.

Posteriormente, em outra dessas inexplicáveis contradições do Velho Testamento, Caim encontrou uma mulher, com ela se casou e – *pasme leitor!* – fundou uma cidade, o que pressupõe que havia pessoas para habitá-la.

Caim deixou uma descendência.

Seu tataraneto, de nome Lameque, era um homem agressivo, de maus bofes.

Casado com duas mulheres, Ada e Zila, disse-lhes, certa feita (Gênesis, 4:23-24):

- *Matei um homem por me ferir, e um rapaz por me pisar. Se Caim seria vingado sete vezes se alguém o incomodasse, com certeza Lameque o será setenta vezes sete.*

Lameque exprimia bem o espírito de sua época, que seria definido por Moisés – *olho por olho, dente por dente*.

Não levava desaforo para casa, disposto até a matar aqueles que o aborreciam.

Jesus inverte sua proposta e inaugura um novo tempo, dizendo que

devemos perdoar setenta vezes sete, o que equivale a **perdoar sempre**.

*

O perdão é um de seus temas preferidos.

O Mestre procura demonstrar que jamais construiremos nada de bom em nossa vida, nem um futuro melhor, se não aprendermos a relevar as faltas alheias.

O perdão é tão importante que Jesus faz dele sinônimo das celestes bem-aventuranças, ao ilustrar sua afirmativa com a Parábola do Credor incompassivo (Mateus, 18:23-35):

O reino de Deus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos.

Tendo começado a ajustá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.

Talento era uma moeda cujo valor equivalia a doze quilos e seiscentos gramas de prata.

Isso significa que o homem devia uma fortuna ao Rei – cento e vinte e seis toneladas de prata.

Para transportar essa carga preciosa seriam necessárias cento e vinte e seis peruas Kombi.

Não tendo com que pagar, ordenou o seu senhor que fossem vendidos – ele, sua mulher, seus filhos e tudo quanto possuía -, para pagamento da dívida.

O servo, porém, prostrando-se aos seus pés, suplicou:

- Tem paciência comigo, que te pagarei tudo.

O Senhor teve compaixão daquele servo, deixou-o ir e lhe perdoou a dívida.

Dali saindo, entretanto, o servo encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários.

O denário equivalia a quatro gramas de prata.

Então o homem lhe devia quatrocentos gramas, menos de meio quilo de prata. Caberia na palma da mão.

O servo do rei agarrou seu devedor pelo pescoço e quase o sufocava, dizendo-lhe:

- Paga o que me deves!

O devedor, caindo-lhe aos pés, implorava:

- Tem paciência comigo, que te pagarei.

Ele, porém, não o atendeu; foi-se dali e mandou conservá-lo preso, até que pagasse a dívida.

Vendo os seus companheiros o que se tinha passado, ficaram muito constribados e foram contar ao seu senhor. Então, o senhor, chamando-o, disse-lhe:

- Servo malvado, eu te perdoei toda aquela dívida, porque me pediste. Não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, com eu tive de ti?

Realmente, um absurdo.

O rei perdoou-lhe uma dívida de **cento e vinte e seis mil quilos de prata!**

O servo não foi capaz de perdoar **quatrocentos gramas**.

E, irritado, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida.

Conclui Jesus, dizendo:

- Assim também meu Pai celestial vos fará, se cada um de vós, do íntimo do coração, não perdoar a seu irmão.

*

A comparação é perfeita.

Espíritos atrasados, orientados pelo egoísmo, habitantes de um planeta de expiação e provas, certamente todos trazemos grandes comprometimentos com as leis divinas, resultantes de infrações cometidas em existências passadas ou nesta existência.

Algo que demandaria centenas de peruas Kombi para carregar, se transformado em moeda sonante.

E vivemos a pedir a Deus que nos releve as faltas, que nos ajude...

No entanto, não temos disposição para perdoar o mal que nos fazem, infinitamente menor.

E consideremos o mais importante:

Nosso desafeto também **é filho de Deus, nosso irmão**.

Como nos sentiríamos diante de alguém que nos pedisse favores não obstante odiar nosso filho?

*

Ninguém nasce destinado ao exercício da vingança. Os Lameques da vida não passam de pessoas com tendências inferiores, complicando seu futuro pelos comprometimentos a que se entregam.

No livro "Ação e Reação", de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulo IX, diz Silas dedicado médico da espiritualidade:

- A ação do mal pode ser rápida, mas ninguém sabe quanto tempo exigirá o serviço da reação, indispensável ao restabelecimento da harmonia soberana da vida, quebrada por nossas atitudes contrárias ao bem...

A bobeira de um minuto pode resultar em decênios de sofrimentos para consertar o estrago que fazemos, quando não exercitamos o perdão.

Li há algum tempo sobre dois assassinatos bárbaros, envolvendo corriqueiras querelas de trânsito.

No primeiro, dois condôminos de um prédio discutiram sobre vagas na garagem coletiva. Irritaram-se. Ofenderam-se. Em dado momento um deles apanhou um revólver e matou o outro.

O segundo caso é semelhante. O motorista parou seu carro por breves momentos na saída de veículos de um edifício de apartamentos. Um morador gritou com o infrator. Este, depois de iniciar áspera discussão, com troca de palavrões, deu-lhe um tiro, matando-o.

Tanto os assassinos como suas vítimas comprometeram infantilmente seu futuro.

Levarão decênios, quiçá mais de um século, para se reajustarem.

As vítimas, mortas prematuramente, interrompendo seus compromissos com a vida física...

Os assassinos, assumindo compromissos de resgate que lhes cobrarão muitas lágrimas e atribulações.

Isso sem falar nas famílias enlutadas, a enfrentarem dificuldades e problemas **que lhes serão debitados.**

*

Geralmente as pessoas não chegam a tais extremos, mas também complicam a existência, em face de indevida reação a determinadas situações.

- O que houve, meu amigo? Como chegou a ficar assim? – perguntei certa feita a um albergado, com mulher e uma penca de filhos, em lamentável situação, sem casa, sem dinheiro, sem destino...

Ele lamentou-se:

- Eu tinha emprego razoável, casa para morar, filhos amparados. Aconteceu que um dia o patrão criticou rudemente meu serviço. Quando se pôs a gritar, não agüentei. Mandeí o diacho para o inferno! Quase bati nele! Homem nenhum fala assim comigo! Sou muito macho! Não levo desaforo para casa!

- *Bruta béstia!* Diria minha avó.

Não levou desaforo para casa.

Levou a penúria.

*

No livro “No Mundo Maior”, de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulo X, diz Calderaro, sábio mentor:

- O ódio, André, diariamente extermina criaturas no mundo, com intensidade e eficiência mais arrasadoras que as de todos os canhões da Terra troando a uma vez. É mais poderoso, entre os homens, para complicar os problemas e destruir a paz, que todas as guerras conhecidas pela Humanidade no transcurso dos séculos.

Essas judiciosas observações não dizem respeito apenas às pessoas que revidam ofensas.

Falam também àquelas que, tendo vontade de esganar um ofensor, controlam-se, engolindo a própria ira.

Bebem o veneno destilado pelo ódio, candidatando-se a variados desajustes, envolvendo, não raro, uma síncope fulminante que lhes abrevia a existência.

Por outro lado, o ressentimento mina nossas energias, facilitando a instalação da enfermidade.

Há uma quantidade imensa de males físicos e psíquicos resultantes do auto-envenenamento, quando cultivamos mágoas no lar, na rua, no local de trabalho...

O perdão impede que nos nutramos de nosso próprio veneno.

Jesus associa o Reino de Deus ao perdão porque, como deixa claro em seu ensinamento, a celeste edificação é um estado de consciência, marcado pela paz, a tranqüilidade, a alegria de viver, que não convivem com mágoas e ressentimentos.

*

Há alguns equívocos.

As pessoas dizem perdoar mas sua postura revela formas variadas de revide.

Rancor:

- *Perdôo, mas não esqueço*

Condenação:

- *Perdôo, mas não quero vê-lo nunca mais.*

Menosprezo:

- *Perdôo, porque ele é um pobre coitado, um infeliz sem eira nem beira...*

Maldição:

- *Perdôo, porque Deus há de castigá-lo.*

Pretensão:

- *Perdôo, mas dir-lhe-ei umas verdades.*

Em qualquer dessas alternativas destilamos o veneno que nos corrói.

*

Melhor mesmo é não precisar perdoar.

Se não nos ofendermos, não haverá o que perdoar.

A fórmula mágica chama-se compreensão.

Se compreendermos as pessoas, em suas limitações e necessidades, partindo do princípio de que cada um dá o que tem, segundo seu próprio estágio evolutivo, não nos magoaremos.

Era o que Jesus fazia.

Por isso nunca cultivou ódios e ressentimentos.

Na cruz, diante de homens desvairados, pediu a Deus que perdoasse a todos.

Não sabiam o que estavam fazendo.

Viviam seu minuto de desatino que lhes imporia séculos de sofrimento.

Cometiam o espantoso crime de crucificar, qual reles marginal, o mensageiro divino que viera das alturas para oferecer-lhes a gloriosa lição do amor.

Era preciso compadecer-se de todos.

*

Depois Jesus voltou, materializando-se diante do colégio apostólico.

Poderia ter criticado acerbamente os companheiros que o haviam abandonado no momento extremo, fugindo como um bando de adolescentes assustados.

Mas não o fez.

Compreendia que fora a fragilidade humana que lhes inspirara a deserção.

E sem uma palavra de queixa ou negação, convocou todos à gloriosa

semeadura dos princípios cristãos que, dentre outras bênçãos, instituía o perdão, uma das chaves gloriosas de acesso à consciência tranqüila para a instalação do Reino de Deus em nossos corações. ■

Deus

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

Os modos de conceber Deus, assim como as manifestações dos que não crêem na Sua existência variam muito.

Parte considerável da Humanidade terrena adere à idéia panteísta a respeito do Criador, segundo a qual, o Pai Eterno é a própria criação e com ela se confunde, o que equivale a entender que Ele não existe.

Ora, se a criação é um axioma, não é racional negar o Criador. É o mesmo que reconhecer a obra e ignorar o obreiro. Se ambos se integrassem, se fossem a mesma coisa, isto significaria que tudo que existe seria oriundo do acaso, o que atentaria contra a razão, o bom senso e a lógica das leis naturais, inteligentes e sábias, que regem o Universo.

Desde afastadas eras, o homem se acostumou a ligar os fenômenos da Natureza a um criador, advindo daí as várias divindades do Politeísmo reinante em largo período da História.

A vinda de Jesus à Terra fincou o marco de novos rumos nas trilhas evolutivas do Espírito, resultando da Doutrina Cristã a certeza da existência de um único Pai e as lições imorredouras sobre a realidade das leis inderrogáveis do amor e da caridade como fundamento da vida e de tudo que existe.

Em decorrência da presença do Filho de Deus, ampliaram-se ao infinito os horizontes humanos. Demonstrando aos homens a existência do Espírito, sua imortalidade e suas sucessivas reencarnações, indicou-lhes a via única do progresso, da felicidade e do destino através do trabalho e da prática do bem.

O sentimento da existência de Deus e do Espírito é inerente ao ser humano e está dentro da pessoa, mesmo que ela o negue e se considere materialista.

Antes de Jesus, certamente que não era habitual a prática consciente da caridade. Os sofrimentos alheios eram vistos com indiferença, provavelmente como ocorre com a criação inferior, sem a noção apropriada ao ser humano da obrigação de socorrer e de ajudar o próximo. É verdade que ainda hoje predomina no Mundo a ação egoísta e orgulhosa, mas muitas pessoas já têm consciência da necessidade e da obrigação de fazer o bem. Esse entendimento, com o decorrer do tempo, fatalmente se expandirá pela força mesma das coisas. O aprimoramento das criaturas é um processo natural e inexorável.

A Doutrina Espírita é o instrumento divino efetivo para implantar no Mundo nova modalidade de vida com base no amor e na primazia da concórdia. Veio nos revelar que “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”. Arreda-nos portanto, da concepção primitiva rudimentar, antropomórfica do Criador para imprimir na nossa consciência a idéia verdadeira, consentânea com a inteligência e a evolução. À medida que formos aprimorando nosso intelecto e desenvolvendo o senso moral, mais nos aproximaremos da natureza íntima da Divindade mediante sucessivas reencarnações. Por enquanto temos que permanecer nos limites da nossa capacidade de entender, e aceitar, com humildade, o que ainda é mistério para nós, dadas as nossas limitações, sabedores, entretanto, de que são temporárias.

Os seguidores do Espiritismo representam ainda número reduzido em

face da totalidade dos habitantes da Terra, mas, por sua origem e destinação, os ensinamentos, a moral cristã-espírita irão, pouco a pouco, penetrar na consciência das populações e influenciá-las. Tal qual a pequenina semente do carvalho se transforma em árvore exuberante sob o toque divino, assim também, a mão de Deus guiará o pequenino coração humano em direção à luz, ao amor, aos céus do infinito.

Constata-se que em todos os ramos de conhecimento e de atividades há progresso acentuado. A Física desbrava, a Eletrônica amplia sua ação, a Medicina se aprimora, a Indústria, com os recursos modernos, produz cada vez mais, e muitos outros exemplos. Todavia, apesar de tanto desenvolvimento, vê-se, em toda parte, a começar de dentro dos lares, que as desavenças aumentam. Guerras e conflitos ceifam vidas indefesas. Há bolsões de fome em todos os continentes. A felicidade parece estar ausente das pessoas. Pobreza e miséria campeiam. São assustadoras as violências de toda ordem. A felicidade afigura-se como não sendo mesmo deste Mundo conforme alude o Eclesiastes.

Qual será a razão desse panorama tão sombrio, já que o solo terreno é tão generoso e é bela a Natureza? A resposta é simples e intuitiva: a causa é o império do egoísmo, do orgulho, da ignorância! As pessoas estão afastadas de Deus! As religiões, em lugar de unir as pessoas, separam-nas e se tornam exclusivistas, cultuam deuses particulares, como se não fôssemos todos irmãos, mesmo sem fé no coração, porque provindos do mesmo Criador Universal.

É notório que existem nações aparentemente prósperas e poderosas, mas cujos comportamentos estão em desarmonia com os princípios fraternos. Não procuram socorrer povos em angustiante penúria. Embora ricas, essas nações e seus habitantes não estão imunes às ações egoístas. Ainda que exibam civilização avançada do ponto de vista material, econômico, e ostentem poderio bélico avassalador, são presas do atraso moral e da ignorância. Individualidades e povos às vezes, permanecem desavisados de que poderão renascer em quaisquer regiões ou condições, hostis ou não, de conformidade com a infalível Justiça Divina, a fim de aprenderem a amar e servir.

Somente poderemos ser ditosos e encontrar retiros de paz quando pudermos nos submeter às leis divinas e cumpri-las. Dentro ou fora das paredes frias dos templos religiosos, devemos procurar edificar nosso destino seguindo as recomendações de Jesus e rogar em prece a Deus: "Pai nosso que estais no Céu...". ■

A Sexualidade Humana Perante a Lei da Reprodução

VITOR RONALDO COSTA

A questão da sexualidade humana, ainda por muito tempo, ocupará a pauta das discussões patrocinadas por educadores, psicólogos, médicos e religiosos.

Do ponto de vista doutrinário, Kardec, em face de sua lucidez na organização das questões encaminhadas ao Espírito de Verdade, permitiu-nos ampliar o conhecimento em assunto tão complexo, de tal forma, que os espíritos não podem alegar desconhecimento de causa. Refiro-me especialmente à apreciação kardequiana feita na questão 202 de “O Livro dos Espíritos”, que, ao nosso ver, serve de ponto de partida para maiores reflexões:

“Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens”.

Da leitura infere-se a importância de o Espírito reencarnar ora como homem ora como mulher, por carecer de experiências em ambas as polaridades sexuais. Os desafios e os “deveres especiais”, quando bem administrados, visam a incorporar aos fulcros energéticos do psiquismo de profundidade o fruto ético de tais vivências.

O que acontece, porém, é que a alma em cada etapa palingenética assume postura condizente com o estágio evolutivo em que se encontra, podendo desempenhar-se de maneira proveitosa ou, pelo contrário, abusar das faculdades inerentes ao próprio Espírito.

Por isso, do ponto de vista sexual, nem sempre o resultado do mergulho na carne pode ser considerado satisfatório, e as reencarnações expiatórias multiplicam-se à guisa de instrumento educativo e reparador para os Espíritos rebeldes.

O impulso sexual, como atributo instintivo do ser encarnado, é poderosa energia criadora enraizada na intimidade espiritual, e quando liberada no campo da matéria por meio do relacionamento sexual, ativa complexos mecanismos psicobiológicos responsáveis pela materialização de um ser inteligente na intimidade do útero materno.

A finalidade precípua da experiência sexual é permitir a perpetuação da espécie e, secundariamente, colaborar na manutenção do equilíbrio psicológico das criaturas, desde que tal experiência se estruture em clima de satisfação propiciada pelo relacionamento amorável, monogâmico e equilibrado.

No entanto, a crescente rebeldia, fruto da insensatez, incentiva a cegueira propositadamente cultivada em relação ao assunto. E a ausência de maturidade nas experiências afetivas contribui para os desvios tormentosos da alma, comprometendo inúmeras reencarnações até que haja o despertar das responsabilidades inerentes à sua condição de centelha divina em trajetória evolutiva.

Os abusos no campo da sexualidade, sem sombra de dúvida, corrompem

os sentidos sutis da alma. O ultraje cometido indiscriminadamente contra os sentimentos alheios engendra no perispírito graves disfunções no vórtice genésico, de tal forma que as marcas dos desequilíbrios sexuais se exteriorizam nas reencarnações posteriores sob a forma de distonias psíquicas, anomalias genitais congênitas ou doenças neoplásicas. É preciso entender que tais ocorrências, na verdade, equivalem a sinalizações importantes, pois permitem ao Espírito viciado a iniciativa de medidas educativas tomadas no sentido de seu próprio soerguimento moral.

A experiência afetiva em bases éticas registrada por ambas polaridades sexuais constitui-se fator preponderante no cumprimento dos anseios evolutivos. O mesmo não se pode dizer em relação ao desperdício da energia sexual, pois só a ignorância permite ao ser encarnado insistir no exercício inconseqüente dos aspectos menos enobrecidos da existência.

Os arroubos machistas, tão decantados em todas as épocas, e traduzidos pelas inúmeras conquistas temporárias, da mesma forma que a sedução feminina colocada a serviço da sexualidade desvairada, são posturas comprometedoras para o Espírito, cujas conseqüências se fazem notar nos inúmeros transtornos da sexualidade identificados na prática clínica.

A liberdade sexual, propalada pela mídia e tida na conta de evolução dos costumes, tem servido em realidade para aumentar o número de paixões não correspondidas, decepções afetivas e conflitos emocionais de toda ordem, ao lado de um notável incremento do número de abortos em adolescentes e de doenças sexualmente transmissíveis.

A tentativa de se lançar o descrédito sobre o matrimônio objetiva unicamente a satisfação dos desejos inferiores por meio de aventuras amorosas descompromissadas. Trata-se da exaltação do sexo aviltado, porém, a maioria desconhece a potencialidade dos riscos que tais experiências acarretam para o próprio Espírito.

Kardec, em “O Livro dos Espíritos”, questão 696, comenta:

“O estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas. A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes”.

O fato é que as informações prestadas pelo Espírito de Verdade, acrescidas das judiciosas análises do Codificador, orientam-nos no sentido de uma vigilância permanente sobre as questões relacionadas com sexo. Não acatar estas informações é um direito implícito no livre-arbítrio das pessoas, porém saber arcar com as conseqüências cármicas de um comportamento abusivo é obrigação daqueles que costumeiramente infringem os postulados éticos inseridos na Lei da Reprodução. ■

Morte, Um Fenômeno Sem Realidade?

ADÉSIO ALVES MACHADO

A morte não mais deve ser tratada como uma questão doutrinário-religiosa, muito menos como um problema de bom senso, mas se deve oferecer a ela um tratamento especial, vendo-a como um fato. E, como não há argumento contra o fato, só temos que aceitar que a alma existe aquém da sepultura e a esta sobrevive. Os enciclopedistas que consideram a morte o fim da vida, a destruição total, quando ela não passa de um fenômeno biológico natural, como tantos outros, terão que rever e mudar tal conceito, mais cedo ou mais tarde.

O que no momento mais está aguçando o interesse de parapsicólogos, psicólogos, psiquiatras e outros é a natureza dos estados do Espírito pós-morte do corpo, surgindo daí, como é óbvio, as indagações: A personalidade se mantém a mesma? Qual seria o seu estado de consciência? A noção do eu sofreria alguma modificação profunda de ordem psicológica? Qual o ambiente em que se manteriam os desencarnados? Como seria o aspecto ecológico dessas regiões? Qual o destino ou finalidade dessa pós-existência?

São estas as perguntas, entre tantas outras, para as quais os pesquisadores desejam respostas, que envolvam a questão da morte e da sobrevivência da consciência, ou do Espírito. Ficar afirmando simplesmente a sua existência é desperdício de tempo para homens sérios.

O homem tem passado ao nascer e futuro ao morrer.

Entre outros mais, a Dra. Elisabeth Kübler-Ross e o Dr. Raymond Moody Jr. são dois dos mais profícuos estudiosos das pessoas que viveram um estado clínico de morte. A semelhança dos relatos extraídos por eles desses pacientes “mortos”, segundo a Medicina convencional, são por demais impressionantes e consubstanciam a perspectiva da imortalidade detectada pelos pacientes dados como clinicamente “mortos”. Vejamos alguns:

1. Inefáveis são as sensações experimentadas, tornando-as indefiníveis.
2. O paciente ouve médico, parentes, enfermeiros dizerem que ele está morto.
3. Sentem um sentimento de paz e quietude.
4. Alegam que atravessam um túnel longo, havendo pessoas que se referem a poços, caverna, buraco, funil, etc.
5. Sentem-se fora do corpo, flutuam acima do corpo físico e das cabeças das pessoas.
6. Encontram-se com outras pessoas, parentes, amigos e conhecidos tidos como mortos.
7. Têm uma recapitulação de toda a vida até aquele momento, em detalhes, como se vissem um filme de que eles fossem os astros principais.
8. Costumam estar diante de “Espíritos de Luz”, ou de um “ser de luz”.
9. Percebem que estão voltando à vida no corpo carnal, sendo nele colocados.
10. Geralmente, os pacientes, após o retorno ao corpo, mudam radicalmente de conduta e os seus valores deixam de ser estritamente materiais, passando eles a ser mais espiritualizados.
11. Perdem o medo da morte.
12. Passam a dar importância ao trabalho de caridade.

Como se pode constatar, há toda uma coerência nos detalhes colhidos pelos pesquisadores, os quais obedeceram a um critério da Ciência moderna, com relação aos clientes que experimentaram o estado de morte clínica.

Esta nova visão permite que vejamos a morte com toda consistência de

realidade, e passemos a encará-la cada vez mais de forma natural. ■

Oração de Filho

PASSOS LÍRIO

Acordando para a Vida ao sol pleno do vigor juvenil, descansando o coração nas suaves vibrações do Teu inexaurível Amor, renovando sublime oportunidade neste meu frágil corpo após longas e porfiadas experiências num passado culposo e contraproducente, volvo-Te, Pai, o meu olhar reconhecido e, prosternado ante Tua Misericórdia, uma prece sentida e sincera evola-se do meu angustiado e nostálgico coração, longamente distanciado do Teu inexcedível carinho.

Não permitas, Pai Amantíssimo, que de novo eu venha a palmilhar o ingrato roteiro do vão orgulho e da tola vaidade que me têm lançado nas enganosas sombras do egoísmo.

Dá-me, Senhor, a humildade por companheira inseparável em mais este ensejo de encarnação a fim de que meus passos jamais se transviem dos Teus desígnios e que, em quaisquer circunstâncias, nunca cesse em minha alma a sublime pulsação filial, sincronizada às pulsações incessantes dos Espíritos redimidos, cujo único bem consiste em viver no Teu augusto e remansoso regaço, amando-Te acima de todas as coisas e aos nossos Irmãos como a nós mesmos.

Estende-me Tua mão compassiva, através do meu sentimento renovado, para que eu jamais me aparte de Ti e Contigo penetre, simples e humilde, em todos os templos do esforço humano, sendo o mesmo pequenino filho, obreiro e servo, na oficina singela, na grandeza da escola, nos estágios da autoridade, nas glórias da obediência, nos resplendores sociais ou nos ásperos testemunhos das expiações e provações.

Não permitas, Sempiterno Senhor, que os velhos despropósitos, herdados de minhas inconseqüências reencarnatórias, tornem a invadir a seara promissora de meus ideais, anseios e esperanças, crestando de novo os germens futuros do Bem e do Amor que incutiste em minha alma, a fim de que eu não mais renove a colheita infeliz do ódio e da ingratidão, alheio à insubstituível essência da Bondade e do Perdão, da Compreensão e da Fraternidade, no trato com todos os que a meu lado colocaste dentro do Lar Planetário.

Sobretudo, Pai Misericordioso, deixa-me respirar, em lufadas de venturas, a longos haustos, as suaves fragrâncias das flores dos ensinamentos semeados nas veredas que ora perlustro, pelo Teu Filho Unigênito – Jesus, Senhor e Mestre – que, em Teu Nome, me vem guiando amoravelmente desde séculos remotos, suportando-me a incompreensão, tolerando-me a maldade e, em transbordamento de compaixão, deixando-se martirizar, seguidamente, em minhas mãos fratricidas, na grande esperança de meu despertar glorioso, aos clarões da Fé, nos albores da Caridade.

Ainda por mais tempo, meu Criador e Pai, preserva minha presença junto a Jesus para que, unindo-me a Ele, possa converter-me, e das cinzas de minhas ingratidões, varridas pelas lufadas da Dor, do Remorso e do Arrependimento, seja-me dado adquirir os tesouros da alma, os eternos valores do espírito, dotando-me da felicidade dos simples e dos justos, que se descobriram a si mesmos, por terem conquistado as glórias da Sabedoria e do Amor, amando-Te em tudo e em todos, na Eternidade do Tempo e no Infinito do

Espaço, nos domínios infindáveis do Teu Lar – Universos de famílias e famílias de Universos. ■

Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

Ergamo-nos

“Levantar-me-ei e irei ter com meu pai...”
- (LUCAS, 15:18.)

Quando o filho pródigo deliberou tornar aos braços paternos, resolveu intimamente levantar-se.

Sair da cova escura da ociosidade para o campo da ação regeneradora.

Erguer-se do chão frio da inércia para o calor do movimento reconstrutivo.

Elevar-se do vale da indecisão para a montanha do serviço edificante.

Fugir à treva e penetrar a luz.

Ausentar-se da posição negativa e absorver-se na reestruturação dos próprios ideais.

Levantou-se e partiu no rumo do Lar Paterno.

Quantos de nós, porém, filhos pródigos da Vida, depois de estragarmos as mais valiosas oportunidades, clamamos pela assistência do Senhor, de acordo com os nossos desejos menos dignos, para que sejamos satisfeitos? Quantos de nós descemos, voluntariamente, ao abismo, e, lá dentro, atolados na sombria corrente de nossas paixões, exigimos que o Todo-Misericordioso se faça presente, ao nosso lado, através de seus divinos mensageiros, a fim de que os nossos caprichos sejam atendidos?

Se é verdade, no entanto, que nos achamos empenhados em nosso soergimento, coloquemo-nos de pé e retiremo-nos da retaguarda que desejamos abandonar.

Aperfeiçoamento pede esforço.

Panorama dos cimos pede ascensão.

Se aspiramos ao clima da Vida Superior, adiantemo-nos para a frente, caminhando com os padrões de Jesus.

- Levantar-me-ei, disse o moço da parábola.
- Levantemo-nos, repitamos nós.

(Do livro “Fonte Viva”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, cap. 13, p. 39-40, 22 ed. FEB.)

“O Livro dos Espíritos” e a Física Moderna – Os Espíritos Antecipam a Verdade*

SÉRGIO THIESEN

“As idéias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem, caminhando de par com a Ciência”. (Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”, cap. III, pág. 73, ed. FEB).

“Se lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ela se modificará nesse ponto”. (Idem, “Obras Póstumas”, pág. 350, ed. FEB).

Objetivos: Comparar algumas respostas dos Espíritos a Allan Kardec, contidas em “O Livro dos Espíritos”, sobre aqueles temas que foram objeto de estudo e desenvolvimento da Ciência, a partir da própria Codificação até os dias atuais, pela Física, chamada Moderna. Demonstrar que os Espíritos anteciparam em pelo menos um século a compreensão de certos fenômenos da Natureza, testificando seu caráter revelatório até para aspectos secundários.

Introdução: Quando surgiu no mundo a Doutrina Espírita, em abril de 1857, os homens estavam recebendo dos planos superiores da vida universal a mais sólida e definitiva fonte de ensinamentos fundamentais sobre sua realidade, sua essência, seu destino. Allan Kardec era educador, pesquisador e amante da Ciência e viveu em meio a matemáticos, astrônomos, botânicos e físicos que fizeram a Ciência de seu tempo.

Os Espíritos que participaram da Codificação trouxeram revelações que se configuraram nos postulados espíritas, a base da Doutrina. E usaram os termos, as analogias, as comparações e o conhecimento da Humanidade de então para poder levá-la a um outro nível de compreensão do mundo e das coisas e facilitar-lhe a evolução.

Em 1868, com a publicação de “A Gênese”, completava-se o Pentateuco Kardequiano. A partir daí, o Espiritismo se consolidou como Doutrina e espalhou-se pelo mundo, notadamente na própria Europa e a seguir no Brasil e nas Américas. Os Espíritos continuaram seu trabalho de revelação progressiva em que descortinaram novas idéias sobre a realidade espiritual, a complementarem aquelas da Codificação, especialmente através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, no Brasil. E o Espiritismo atravessou o século XX e distende suas luzes a todos os continentes, com vistas ao porvir.

E foi neste mesmo período de tempo que a Ciência mais progrediu, mais avançou, na busca incessante do homem de conhecer a Natureza, perscrutando-a com instrumentos cada vez mais sensíveis, revelando suas características e descrevendo as leis que regem os mais diversos fenômenos, estabelecendo novas fronteiras de conhecimento, além dos referenciais até então conhecidos, além do espaço cartesiano e do tempo convencional.

Desenvolvimento: Na pergunta número 22 de “O Livro dos Espíritos”, temos Kardec: “*Define-se geralmente a matéria como sendo – o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos (...).* Resposta: (...) “Mas a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão

etérea e sutil, que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria. Para vós, porém, não o seria”.

As leis clássicas da Física não podiam explicar certos resultados experimentais da chamada radiação de corpo negro, e em 14 de dezembro de 1900 Max Planck publica um artigo sobre quantização da energia, que equaciona o problema e abre uma verdadeira revolução na Física; nasce a Física Quântica e com ela a Física Moderna. A Física Clássica passou a ser um caso particular da Física Quântica, para explicar os fenômenos com dimensões tais que impressionam os sentidos humanos, enquanto que aqueles de dimensões pequeninas, que são a base de todo o Universo, só podiam ser entendidos a partir da idéia da quantização. E a compreensão do Universo que temos hoje se assenta no mundo quântico. E a matéria que impressiona os nossos sentidos é apenas uma parte do que hoje se conhece do mundo em que vivemos.

A teoria atômica de Dalton já era conhecida. Mas a estrutura do átomo só começou a ser desvendada no final do século XIX com a descoberta do elétron e continuou no início do século XX com o trabalho de Rutherford e Chadwick e a evidência do próton e do nêutron. O século XX foi também marcado pela descoberta das chamadas partículas elementares, de tal maneira que a *matéria* é hoje entendida como formada por Quarks (que por sua vez compõem os bárions e mésons) e Léptons (elétrons e neutrinos).

A antimatéria, que também é matéria, é outra importantíssima descoberta do último século. Ela introduziu a noção prevista matematicamente e comprovada de que as partículas elementares (constituintes da matéria) possuem seu análogo de carga inversa, como por exemplo o pósitron, o antineutrino, o antipróton. O conceito de antimatéria surgiu da união entre a mecânica quântica e a relatividade especial por Dirac, e sua teoria sobre o elétron e sua contraparte antimaterial, o pósitron. Os aceleradores de partículas já demonstraram a criação dos pares elétron-pósitron e seu aniquilamento, confirmando a teoria.

A matéria escura (*dark matter*) do Universo é outra noção especial e de recente verificação da Física Teórica. Há evidências crescentes de que uma grande parte da matéria que compõe o Universo não é aquela que as estrelas e as galáxias conhecidas poderiam justificar, somando-se todo o Universo detectável por todos os instrumentos conhecidos, incluindo os mais modernos telescópios e as sondas mais sofisticadas que viajaram a incomensuráveis distâncias. A partir de 50 anos de observações dos movimentos de galáxias e da expansão do Universo, a maioria dos astrônomos acredita que 90% da matéria que constitui o Universo são de objetos ou partículas que não podem ser detectados pelos inúmeros instrumentos que vêm observando, a partir da Terra e do Espaço, o Cosmo. Matéria escura é, pois, matéria. Esta matéria é chamada escura porque não irradia, não oferece nada que seja detectado no espectro eletromagnético, como tudo o mais que já é conhecido. Ou pelo menos, não irradia na dimensão que habitamos quando encarnados, acrescentaríamos.

Físicos e astrônomos tentam explicar esta matéria escura. Poderia tratar-se de material comum como estrelas ultrafracas, grandes ou pequenos buracos negros, gás frio ou poeira cósmica espalhada pelo Universo. Mas podem ser partículas “exóticas” que não sabemos como observar ou mundos e estruturas materiais tão sutis e de composição não definidas.

Tão importante é a matéria escura para o entendimento do tamanho,

forma e destino, do Universo, que a procura por ela irá dominar a Astronomia pelas próximas décadas.

Importa notar que, na medida em que a Ciência progride, poderá, através do estudo dos elementos constitutivos materiais do Universo, beirar a realidade do mundo espiritual e por este outro caminho, enfim, alcançar o Espírito imortal e definitivamente incorporar esta Verdade essencial e ingressar na maioria do conhecimento, libertando-se moralmente, a partir de mudanças em seus valores fundamentais.

Na pergunta número 27, os Espíritos introduzem a idéia de fluido universal, incluindo-o, junto com a matéria propriamente dita e o Espírito, como um dos elementos constitutivos. A matéria, sob ponto de vista macroscópico, é dividida em sólidos e fluidos. A palavra fluido hoje só é utilizada para substâncias, como os gases, os líquidos e o plasma, que é um gás altamente ionizado e importantíssimo constituinte das estrelas. Fluidos são substâncias que podem escoar. Portanto os Espíritos estavam se referindo a outra coisa, possivelmente energia ou campo que são noções hoje bem definidas. Energia e campo permeiam todo o Universo conhecido. A sugestão de que seria algo distinto decorre da idéia, expressa na mesma resposta, comparando o fluido elétrico e o magnético como modificações do fluido universal. Não se usa mais o termo fluido elétrico desde que se verificou que este não é contínuo e sim granular, sendo a carga elétrica o *grânulo* fundamental. Esse quantum de carga é tão pequeno que não se manifesta em experiências do cotidiano, assim como não percebemos que o ar que respiramos é composto de átomos. Mas isso só foi conhecido depois de Kardec, que se utilizava das noções de Franklin e de seus contemporâneos. Na mesma resposta é dito que o fluido universal ou primitivo é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

Nesse ponto é importante verificarmos que a teoria eletromagnética moderna é que explica essa união dos elementos que constituem a matéria. Esta teoria aborda o campo, a energia e a força elétrica, que descrevem corretamente: a) as forças que ligam os elétrons de um átomo ao seu núcleo; b) as forças que unem os átomos para formar as moléculas, e c) as forças que ligam os átomos e as moléculas entre si para formarem os sólidos e os líquidos.

Ou seja: a matéria que conhecemos é mantida assim estruturada pela união dos seus constituintes numa configuração estável pelas forças elétricas. E o universo conhecido para além da fronteira planetária – as estrelas, as galáxias, os conglomerados galácticos, o meio interestelar e intergaláctico – é permeado deste campo eletromagnético, tanto na faixa das freqüências que compõem o espectro visível, como de microondas, raios gama, raios cósmicos, etc.

Mas, além das forças eletromagnética e da gravidade, o universo e a natureza são sustentados por outras duas forças: a de interação fraca (quando da conversão de nêutrons em prótons com emissão de um elétron e um antineutrino, também chamado decaimento beta) e a que vamos comentar a seguir.

No núcleo dos átomos encontramos aquela força atrativa muito intensa que mantém os prótons e os nêutrons unidos e que é chamada de força nuclear ou interação forte.

Caso essa força não existisse, o núcleo romper-se-ia imediatamente, por causa da forte repulsão elétrica existente entre os prótons. Como todo o Universo *material* é composto de núcleos, ele não seria como é se esta força

não existisse.

Por exemplo, a constituição básica das estrelas que povoam o Cosmo é de hidrogênio que é o elemento mais primordial e fundamental. No centro das estrelas, onde a temperatura é altíssima, ocorre o processo de fusão termonuclear entre núcleos de hidrogênio (prótons) formando núcleos de hélio (prótons e nêutrons) graças à presença de interações nucleares fortes. E é esse processo o responsável pela energia das estrelas e pela irradiação de energia eletromagnética, a luz que cintila no firmamento, aqui chegando depois de cruzar distâncias imensas. Assim, sem esse tipo de interação forte as estrelas não existiriam... Até agora, conhece-se apenas parcialmente a natureza desta força, a qual se constitui no problema central das atuais pesquisas no campo da Física Nuclear.

Portanto, a resposta em que os Espíritos abordam aquela característica do fluido universal de manter a matéria sem se dividir faz-nos supor a íntima relação entre a força (ou energia, ou campo) eletromagnético e a forte (nuclear) com esse mesmo *fluido*. São os próprios Espíritos que afirmam ser o fluido universal de natureza *material* (grifo nosso) sutil e etérea. E para que possamos continuar estabelecendo estas relações de conhecimento, sobre esta última afirmativa cabe ressaltar que a relação entre matéria e energia é hoje bem compreendida através da teoria da relatividade de Einstein, que foi desenvolvida várias décadas depois da Codificação e que postula a matéria como energia condensada.

Ainda sobre fluido universal convém colocar a importante questão da teoria da Grande Unificação, quando se busca reunir todos os quatro tipos de força ou interações (eletromagnética, forte, fraca e gravitacional), já descritas na natureza como originadas de uma Única Força ou Interação Fundamental. Existiria, pois, uma única grande força ou campo que deve ser aquilo que eles, os Espíritos, desejavam adiantar como sendo, rotulada com o melhor termo da época (no vocabulário humano), o fluido universal. Convém lembrar que quem usou outro termo para aquilo que os Espíritos queriam dizer foi a Ciência, por estudos feitos depois de Kardec. Não há aí qualquer necessidade de adaptação da terminologia daquela época à dos nossos dias, até porque o termo fluido faz parte da história da Ciência e é bem conhecido também dos cientistas e leigos.

Na pergunta de número 35, Kardec questiona se o espaço universal é infinito ou limitado e os Espíritos respondem que este é infinito... “Isto te confunde a razão, bem o sei” (...) acrescentam. Do telescópio de Monte Palomar, de cinco metros, podem ser observadas cerca de um bilhão de galáxias, algumas situadas tão longe, no espaço, que a luz que delas contemplamos é a que a expediram em nossa direção antes que a Terra existisse. Um bilhão de galáxias! Se um raio de luz começasse a percorrer a nossa modesta Via-Láctea, deslocando-se com a velocidade de 300 mil quilômetros por segundo, levaria cem milênios para atravessá-la. Existem aglomerados galácticos com mais de cem galáxias! E só a nossa possui mais de cem bilhões de sóis... Foi neste último século que ficou evidente que vivemos num Universo povoado por um número gigantesco de galáxias, espalhadas pela vastidão do espaço cósmico. Nossa Via-Láctea é apenas uma entre bilhões de outras. Nosso planeta não ocupa uma posição especial no sistema solar, nosso Sol não ocupa uma posição especial em nossa galáxia e esta não ocupa uma posição especial no Universo. O que temos de especial é a sagrada oportunidade de nos maravilharmos com a beleza e profunda harmonia do Cosmo.

A Cosmologia e a Astrofísica são os ramos da Ciência que não existiam no século de Kardec e que vêm permitindo o esclarecimento destes relevantes aspectos do conhecimento sobre a criação do Universo, sua extensão e características básicas. Numa série de descobertas notáveis na década de 20, o astrônomo americano Edwin Hubble não só mostrou que o Universo é povoado por inúmeras galáxias como a nossa Via-Láctea, como também descobriu algo de importância crucial em Cosmologia, a expansão do Universo. A plasticidade do espaço-tempo, alicerce fundamental da relatividade geral, é maravilhosamente expressa na expansão do universo. Carregados pela geometria em expansão, os bilhões de galáxias decoram, com sua infinita riqueza de luz e forma, a imensidão e infinitude crescente do espaço. O Universo é uma entidade dinâmica, realizando a dança do devir, da transformação. Em todas as escalas, dos componentes mais minúsculos da matéria até o Universo como um todo, movimento e transformação emergem como símbolo da nova visão do mundo, substituindo a visão rígida da Física Clássica.

A pergunta seguinte é sobre se existe o vácuo absoluto (ou a inexistência de matéria) em alguma parte do Universo e a resposta é negativa. Já se sabe que o espaço interestelar e intergaláctico é preenchido por partículas, como o neutrino, e campos que são detectáveis atualmente ou previstos teoricamente.

Na pergunta 41 Kardec interroga se um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compõe disseminar-se de novo pelo espaço. “Sim, Deus renova os mundos, como renova os seres vivos”. A Astrofísica considera que os mundos (estrelas) são formados, nascem, envelhecem, contraem-se, “morrem”, explodem e renascem, numa incessante recriação. E sob as vistas paternais de Deus e sob o controle amoroso e potente dos Arcanjos Divinos, diríamos nós.

Conclusão: O Espiritismo é uma Ciência, que trata de uma ordem diferente de fenômenos, os fenômenos espirituais e de suas implicações morais. Antes de tratar dos temas mais importantes sobre o Espírito imortal e chegar aos postulados espíritas, em “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec formulou várias questões sobre os elementos constitutivos do Universo e algumas de suas características. Fazendo uma análise comparativa entre as respostas dadas pelos Espíritos e os avanços da Ciência, especialmente da Física, concluímos que estes anteciparam a Kardec várias verdades que só mais tarde, no decorrer do século seguinte, seriam verificadas pelo desenvolvimento da Ciência humana. Em geral, os Espíritos deixam ao homem os avanços do conhecimento científico pelo seu esforço e mérito. Mas as revelações nos chegam de Cima, a partir da ação dos Espíritos superiores, para que possamos conhecer a realidade, com alguma antecipação, com vistas à marcha mais acelerada do progresso. Isto que ocorreu com temas afeitos à Ciência oficial que se tem dedicado aos aspectos essencialmente materiais da vida e do Universo deverá, passado mais algum tempo, repetir-se quanto às questões espirituais. O ser humano também alcançará seu entendimento sobre a realidade do Espírito, e suas conseqüências, também pelo esforço da própria Ciência, conquistando a crença definitiva desta realidade, revelada antes pela Doutrina, e estendendo a luz desse conhecimento ainda mais além. Assim como as leis que regem o que conhecemos do Universo até o presente foram estabelecidas ou desvendadas gradativamente pelos cientistas, aquelas que governam a realidade espiritual haverão de ser devidamente esclarecidas. Esta realidade é regida por leis análogas às nossas e por outras especiais porque

exclusivas do mundo espiritual. Como os elementos constitutivos são distintos, o despertar é recente para estas idéias, a instrumentalidade completamente nova, conhecer estas leis requererá dedicação e tempo. Mas não nos esqueçamos que grandes massas de criaturas poderão avançar no rumo do Espírito e do progresso moral quando a própria Ciência incorporar suas novas descobertas.

Seria, porém, rematada ingenuidade supor que a Ciência humana terrestre chegará rapidamente à solução definitiva dos seus problemas substanciais, porquanto precisará realizar antes disso e para isso, duas conquistas: primeiro, terá que reconhecer, por seus próprios meios, suas averiguações, seus cálculos e suas induções (e intuições), senão a certeza, pelo menos a probabilidade da existência do Espírito e das dimensões espirituais da Vida; e, segundo, construir novas aparelhagens e sobretudo novos métodos de investigação para penetrar nesses novos domínios. Neste último caso, as dificuldades a vencer serão imensas, porque somente o Espírito pode ver, identificar e examinar o Espírito. Não se trata, portanto, tão-somente de aperfeiçoar maquinismos e instrumentos técnicos, mas sim, consciências, através do desenvolvimento racional de faculdades psicofísicas capazes de serem utilizadas para a produção útil de fenômenos investigáveis.

Enquanto, porém, não houver, na Terra, condições morais que justifiquem tão elevado tipo de cooperação aberta e indiscriminada, o Governo Espiritual do Planeta não facilitará condições nem circunstâncias que favoreçam o êxito maior de tentames desta espécie, além dos limites da educação e do incentivo ao espírito perquiridor dos homens. É fácil de compreender que o intercâmbio livre e permanente com planos e forças superiores da vida não pode ser facultado a seres predadores, de baixo senso ético e ainda espiritualmente irresponsáveis. Por essa razão, a aceitação e a vivência dos princípios morais do Evangelho de Jesus são condições fundamentais a serem cumpridas, a fim de que as Inteligências Superiores outorguem ao Homem Terrestre o diploma de maioria espiritual que lhe permita o ingresso efetivo no mundo de relações com a Comunidade Cósmica a que pertence.

A identificação vibratória com a natureza das sensações materiais constitui obstáculo intransponível à penetração consciente e proveitosa em outras dimensões que, para os seres assim faltos de maior sensibilidade, continuam como se não existissem, embora os influenciem decisivamente.

Diante das perplexidades da Ciência e da pressão cada vez maior dos fatos novos, que não cessam de fustigar a inteligência humana e de rumá-la para novas pesquisas e conclusões mais elevadas, cabe aos espíritas a sublime tarefa de oferecer aos pesquisadores e estudiosos humanos a contribuição substancial do Espiritismo, de modo a ajudar os cientistas sinceros a orientar-se com segurança na direção das verdadeiras soluções. Mas os espíritas só conseguirão fazer isso, com verdadeiro proveito, se se dedicarem seriamente ao estudo das realidades e dos progressos da Ciência, cotejando tudo, ponto por ponto, com as pesquisas, os conhecimentos e as revelações do Espiritismo, de modo a oferecer contribuições sérias aos pesquisadores e aos homens de pensamento que laboram fora de nossos muros.

Naturalmente, o trabalho maior dos espíritas-cristãos será sempre o da sua própria melhoria de sentimentos e de bem-fazer. O equilíbrio de atitudes cabe, porém, em toda parte, e não seria justo nos ausentássemos, a título de cultivar a humildade e as virtudes do coração, do esforço comum em prol do progresso humano. Afinal, as novas dimensões do conhecimento, que se abrem no mundo, são as grandes dimensões do Espírito imortal. ■

* Trabalho apresentado como Tema Livre no 2º Congresso Espírita Mundial, em Lisboa, outubro de 1998.

Bibliografia

1. ÁUREO, *Universo e Vida*, psicografia de Hernani Trindade Sant'Anna, edição FEB.
2. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, edição FEB.
3. THIESEN, Sérgio. *O Espiritismo e a Física Moderna*, palestra realizada em agosto de 1993, na Federação Espírita Espanhola, Madrid.
4. EISBERG, Robert e RESNICK, Robert, *Física Quântica*, edição Campus.
5. JACKSON, John David. *Eletrodinâmica Clássica*, edição Guanabara Dois.

1º Congresso Espírita Brasileiro

Goiânia (GO) – 1º a 3 de outubro de 1999

Temário Oficial

PALESTRAS

Abertura

Tema: **Espiritismo no Brasil: Ontem, Hoje e Amanhã**

Exposição: Divaldo Pereira Franco

Encerramento

Palestra: **Ação Espírita: Confraternizar, Unificar e Divulgar**

Exposição: Divaldo Pereira Franco

Outras:

Tema: **O Espiritismo como Proposta de Vida**

Exposição: J. Raul Teixeira

Tema: **O Espiritismo em Nível Mundial**

Exposição: Nestor João Masotti

Tema: **O Valor e o Papel do Livro Espírita**

Exposição: Altivo Pamphiro

Tema: **O Relacionamento Interpessoal no Centro Espírita**

Exposição: Wilson Garcia

PAINÉIS

Tema: **O Espiritismo como Proposta de Vida:**

- A Doutrina Espírita como renovação do pensamento humano

Exposição: Altivo Ferreira

- Relação Espiritismo e Evangelho

Exposição: Suely Caldas Schubert

Tema: **50 anos do “Pacto Áureo”:**

- Origem e significado do “Pacto Áureo”.

Exposição: Juvanir Borges de Souza

- Estrutura atual e dinamização do Trabalho de Unificação.

Exposição: Gerson Simões Monteiro

Tema: Estudo Regular do Espiritismo:

- A importância da sistematização do estudo da Doutrina Espírita.

Exposição: Júlia Nezu Oliveira

- Ações e resultados da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita.

Exposição: Maria Túlia Bertoni

Tema: O Centro Espírita e a Nova Era:

- Relações Humanas no Centro Espírita, no Movimento Espírita e na Sociedade.

Exposição: Nilton Stamm de Andrade

- A moderna administração do Centro Espírita

Exposição: Ivan Franzolin

Tema: Em Defesa da Vida:

- Ações e resultados da Campanha “Em Defesa da Vida”.

Exposição: José Raimundo de Lima

- Visão Científica e Espírita Sobre o Aborto.

Exposição: Marlene Rossi Severino Nobre

- Saúde mental e tóxicos.

Exposição: Umberto Ferreira

Tema: Evangelização Espírita Infanto-Juvenil

- Ações e resultados da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil

Exposição: Rute Vieira Ribeiro

- Organização da Evangelização Espírita Infanto-Juvenil nos Centros Espíritas.

Exposição: Darcy Moreira Ferreira

- O Jovem no Centro Espírita.

Exposição: Sandra Maria Borba Pereira

Tema: O Centro Espírita e suas Funções – I:

- Evolução Organizacional das Instituições e do Movimento Espírita.

Exposição: Jason de Camargo

- Recepção, Atendimento Fraternal e Assistência Espiritual.

Exposição: Alberto Ribeiro de Almeida

- Preparação para a Prática Mediúnica.

Exposição: Marta Antunes de Oliveira Moura

Tema: Divulgação do Espiritismo:

- Ações e Resultados da Campanha de Divulgação do Espiritismo.

Exposição: Mehry Seba

- Implementação Prática da Campanha de Divulgação do Espiritismo nos Centros Espíritas.

Exposição: Sônia Maria Arruda Fonseca

- Ações de Divulgação Junto ao Grande Público.

Exposição: Éder Fávaro

SEMINÁRIOS

Tema: **Família e Espiritismo:**

- Ações e Resultados da Campanha “Viver em Família”.

Exposição: Antonio Cesar Perri de Carvalho

- Relacionamento Conjugal e Entre Pais e Filhos.

Exposição: Célia Maria Rey de Carvalho

- Vivência no Lar, no Movimento Espírita e na Sociedade.

Exposição: Dalva Silva Souza

Tema: **O Centro Espírita e Suas Funções – II:**

- Preparação das Novas Gerações.

Exposição: Gladys Pedersen de Oliveira

- Estudos Sistematizados.

Exposição: Cecília Rocha

- Evolução da Assistência e Promoção Social Espírita.

Exposição: Edvaldo Roberto de Oliveira

Tema: **Pesquisas Históricas no Movimento Espírita:**

- Metodologia para Pesquisas Históricas; Organização e Conservação de Dados históricos nas Instituições Espíritas.

Exposição: Washington Luiz Nogueira Fernandes e Luciano Klein Filho

- Memória do Movimento Espírita e Valorização de Vultos Espíritas.

Exposição: Geraldo Campetti Sobrinho

- Intercâmbio de Experiências, Discussões e Propostas.

Coordenação: Eduardo de Carvalho Monteiro.

Tema: **Comunicação e Fraternidade:**

- A Fraternidade na Comunicação Social Espírita.

Exposição: Marcelo Paes Barreto.

- Arte e Comunicação Social Espírita.

Exposição: Marisa Priolli dos Santos Fonseca

- O Esperanto na Difusão do Espiritismo.

Exposição: Aymoré Vaz Pinto

Tema: **Mediunidade: Ontem, Hoje e Amanhã :**

- Evolução da Prática Mediúnica Espírita.

Exposição: Jorge Andréa dos Santos

- A Mediunidade em Face dos Avanços da Ciência.

Exposição: Sérgio Felipe de Oliveira

Tema: **O Espiritismo e a Renovação Social:**

- Contribuição do Espiritismo para o Aprimoramento da Sociedade.

Exposição: Aylton Guido Coimbra Paiva

- Educação à Luz do Espiritismo

Exposição: César Braga Said

Tema: **Assistência e Promoção Social Espírita:**

- Visão Espírita da Caridade.

Exposição: José Carlos da Silva Silveira

- Atividades de Assistência e Promoção Social Espírita: Ação, Criação e Manutenção.

Exposição: Cesar Soares dos Reis

Tema: **O Espiritismo e o Homem Moderno:**

- O Movimento Espírita no Mundo Globalizado.

Exposição: Roger Perez e Charles Kempf

- A geração Nova.

Exposição: Wladimir Lisso

TEMAS GERAIS

Tema: **A Fraternidade como Dever Social**

Exposição: Manoel Tibúrcio Nogueira

Tema: **A Prece nas Atividades Mediúnicas**

Exposição: Carlos Antonio Bacelli

Tema: **A Necessidade da Caridade Segundo o Apóstolo Paulo**

Exposição: Maria Helena Marcon

Tema: **A Importância da Integração dos Aspectos Científico, Filosófico e Religioso do Espiritismo.**

Exposição: Sérgio Thiesen

Tema: **O Planejamento Reencarnatório**

Exposição: Caucy de Sá Roriz

Tema: **A Vida no Além-Túmulo: os Espíritos Errantes**

Exposição: Rose Mary Thiengo

Tema: **A Transição da Morte**

Exposição: Edinólia Peixinho

Tema: **Natureza das Influências Espirituais**

Exposição: Irany Franco de Almeida

Tema: **O Sono e os Sonhos**

Exposição: Dori Vânia da Costa Cunha

Tema: **“Há Muitas Moradas na Casa do Pai”**

Exposição: Xerxes Pessoa de Luna

Tema: **O Perdão e a Prática da Caridade**

Exposição: Ana Luiza Nazareno Ferreira

Tema: **A Irradiação Mental: O Que É e Como se Processa**

Exposição: Lacordaire Abrahão Faiad

Tema: **Os Benefícios do Passe**

Exposição: Jacob Melo

A FEB e o Esperanto

Esperanto: Esperança dos Espíritos

AFFONSO SOARES

Diante das rápidas e profundas transformações verificadas no mundo recentemente, com destaque para os campos político, econômico e social, excitando, com fulcro na inferioridade humana, o cultivo de valores duvidosos nas relações entre indivíduos e coletividades, a muitos se tem afigurado que os nobres ideais ligados à vida universalista sempre permanecerão nas nebulosas regiões das utopias, dignos, portanto, exclusivamente da atenção de visionários, invariavelmente destituídos do tão exageradamente louvado “sendo prático”. E daí para a expressão concreta da dúvida, do desencanto, da descrença, o caminho é curto, com o que se engrossam, as legiões dos que passam a viver sob a inspiração do imediatismo, do egoísmo, da liberação dos impulsos instintivos. Renúncia, sacrifício, abnegação, devotamento, benevolência, indulgência, perdão, em outras palavras, humildade e caridade, assumem a feição de verdadeira anomalia da personalidade, como a concebe e impõe ao mundo, com pertinaz e insidiosa dialética, a cartilha materialista.

Estaremos, sem dúvida alguma, vivendo o tempo tão claramente antevisto por Jesus de Nazaré: “E por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos”. Era o que Ele, em sua profunda penetração dos destinos humanos, definia como o princípio das dores, não faltando a esse quadro nem mesmo o traço doloroso da “abominável desolação no lugar santo”, isto é, a corrupção nos próprios círculos da religião. Mas, afirmava ainda o Messias Divino, consagrando o grandioso princípio do livre-arbítrio: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo”.

Um recrudescimento de práticas, que parecia haverem-se diluído, abrandado no fluxo inexorável da evolução, estarrece a todos pela intensidade de seu primitivismo, e às mentalidades encerradas nos estreitíssimos horizontes de uma vida corpórea não se oferece outra saída senão aquela ditada pelo egoísmo, fruto do materialismo: lutar pela vida, tudo oferecer ao instinto de conservação; nenhum ideal, nenhuma aspiração espiritual.

Uma tal ordem de idéias inevitavelmente repercutirá em todos os círculos cuja missão geral e comum é, independentemente do campo específico em que agem, afirmar a superioridade do espírito sobre a matéria. Um surdo convite à defecção como que se insinua sorratamente nesses círculos, procurando instilar nos adeptos a idéia de que trabalham em vão, de que se sacrificam por valores estranhos à natureza humana essencial e irreversivelmente egoísta. E, uma vez que os frutos da semente idealística tardam em surgir, ao mesmo tempo em que florescem, pujantes, as expressões da iniquidade que pretendem combater, muitos obreiros distraídos dão o testemunho melancólico da deserção, seja pelo simples abandono do ideal, seja pelas tentativas inglórias de “adequar” o ideal aos “novos tempos”, numa capitulação quiçá mais perigosa do que a simples deserção.

Essas considerações genéricas a respeito da crise de valores que o mundo atravessa obviamente também se aplicam ao Esperanto e seus

generosos ideais, cumprindo a todos os que a ele têm dedicado a melhor parte de sua vida, de suas forças, de seus talentos, o dever indeclinável de perseverar, não dando ouvidos aos argumentos enfraquecedores, enganadores por se travestirem de elementos pseudocientíficos, mas na realidade inconsistentes, argumentos que se podem resumir nas pretensiosas afirmativas de que jamais uma língua planejada, neutra, será veículo de comunicação internacional, e de que a justiça e a fraternidade nunca regerão as relações entre indivíduos e povos.

A História tem evidenciado que o progresso, conquanto lento, mesmo imperceptível para uma ou mais gerações, é todavia efetivamente conquistado, tornando-se palpável desde que focalizado na única perspectiva que o revela, isto é, na perspectiva dos séculos sem conta.

Até agora a necessidade de uma língua comum para as exigências da comunicação internacional tem sido satisfeita dentro dos critérios que excluem a justiça e a fraternidade e prestigiam o poder, a hegemonia de uma nação, ou grupo de nações, sobre as demais. Essa solução será fatalmente rejeitada na fase universalista da vida em nosso planeta, concretizando assim a célebre e categórica profecia de Jesus, registrada pelo apóstolo João no capítulo 10, verso 16, de seu Evangelho: “Então haverá um só rebanho e um só pastor”.

Recentemente fizemos publicar uma comunicação do Espírito Emmanuel, em que o venerando educador espiritual conforta Ismael Gomes Braga, então abatido pelos parcos resultados de seu hercúleo trabalho como divulgador do Esperanto. Emmanuel concitava-o a que fizesse a sua parte com esperança e otimismo, lembrando-lhe que ao Divino Mestre é que cabe definir o tempo oportuno da colheita. Advertia-o também a respeito do fato de que o tempo absolutamente não deve entrar nas cogitações do verdadeiro idealista, chamando-lhe a atenção para a verdade de que o Esperanto ainda estava no primeiro século de existência e, portanto, apenas dava início à sua meritória obra. Enfatizava também o nobre mentor o que sucede ao Cristianismo que, não obstante a sua respeitável idade de 2.000 anos, ainda não se implantou na sociedade terrena. E o que dizemos também do Espiritismo? Sua expressão mais palpável ainda se confina numa nação de onde agora, em seu caráter de 3ª Revelação da Lei de Deus, começa a se espraia pelo Planeta. Seus adeptos ainda formam, no cenário da evolução religiosa, uma pequena minoria, e seus efeitos na sociedade ainda estão muitíssimo aquém de suas imensuráveis potencialidades.

Devemos, caros irmãos de ideal, por essas razões, desistir, ceder, capitular? Absolutamente não! Os esperantistas-espíritas ainda dispomos do testemunho irrecusável dos grandes Espíritos que acerca de seus ideais, de seu papel na formação da Nova Era, têm-se manifestado através de respeitáveis médiuns. Eles nos aconselham a estudar o Esperanto, a divulgá-lo, a usá-lo na difusão de nossa fé espírita. Podemos, em sã consciência, acreditar que esses Espíritos se têm manifestado em vão? Que erraram em sua iniciativa? Ou que seus médiuns foram grosseiramente mistificados? O simples bom senso, a boa razão, asseguram que, muito ao contrário, esses generosos Espíritos agem com o beneplácito do Senhor da Vinha e depositam grandes esperanças no labor sincero, desprendido e sacrificial dos espíritas em favor do Esperanto.

Perseveremos, pois, irmãos do ideal esperantista, espíritas e não espíritas, “até o fim”, na certeza de que nossa sementeira, ainda quando por vezes ingrata, é e sempre será, usando as palavras do Espírito Castro Alves, “bendita ao doce olhar de Jesus”. ■

O Leproso

Dizia o pobre leproso:
Senhor! Não tenho mais vida
Sou uma pútrida ferida
Sobre o mundo desditoso!

Mas o anjo da esperança
Responde-lhe com brandura:
- Meu filho, espera a ventura
Com fé, com perseverança.

Se teu corpo é lama e pus
Em meio dos sofrimentos,
Tua alma é réstea de luz
Dos eternos firmamentos.

JOÃO DE DEUS

(Do livro "Parnaso de Além-Túmulo" - psicografado pelo médium Francisco C. Xavier, Ed. FEB).

FEB/CFN – Comissões Regionais

Reunião da Comissão Regional Sul

Realizou-se no Rio de Janeiro a Reunião Ordinária da Comissão Regional Sul do Conselho Federativo Nacional da FEB, no período de 30 de abril a 2 de maio deste ano, coordenada por Nestor João Masotti, com a participação das Federativas dos cinco Estados da Região: Federação Espírita do Paraná (4 participantes); Federação Espírita do Rio Grande do Sul (5); União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ, 23); Federação Espírita Catarinense (12); União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE,5). Estiveram presentes, também, José Raimundo de Lima, Presidente da Federação Espírita Paraibana, Umberto Ferreira, Presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás, Éder Fávaro, Presidente da Associação Brasileira de Divulgadores do Espiritismo, e duas participantes, respectivamente, das Federativas da Bahia e de Minas Gerais.

Pela Federação Espírita Brasileira compareceram o Presidente Juvanir Borges de Souza, os Vice-Presidentes Nestor João Masotti, Cecília Rocha e Altivo Ferreira; os Diretores José Carlos da Silva Silveira e Marta Antunes de Oliveira Moura; o Secretário da Comissão Regional Sul, Aylton Guido Coimbra Paiva; o Assessor de Comunicação Social, Merhy Seba; e as colaboradoras Maria Túlia Bertoni, Maria Euny Herrera Masotti, Sandra Maria Borba Pereira e Marisa Priolli dos Santos Fonseca.

CINQUENTENÁRIO DO PÁCTO ÁUREO

Na noite de 30 de abril foi promovida na sede da USEERJ, onde se reunia a Comissão, uma Sessão Comemorativa do Cinquentenário do Pacto Áureo, dirigida pelo Presidente da Federativa anfitriã e com a presença do Presidente da FEB, dos Presidentes e Representantes das Federativas Estaduais já mencionadas. Após a apresentação do Coral Despertar, do Abrigo Teresa de Jesus, o Presidente Juvanir Borges de Souza teceu considerações sobre a importância da efetiva e fraternal união dos espíritas, a fim de que se torne real a Unificação do Movimento Espírita. A palestra comemorativa foi proferida por Altivo Ferreira, que falou sobre as origens, o significado e as conseqüências do pacto Áureo – Acordo de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro -, assinado na sede da FEB, no Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1949.

DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

Os trabalhos da Comissão iniciaram-se com a Reunião Geral, na manhã do dia 1º de maio, quando houve a prestação de diversos esclarecimentos e a apresentação dos participantes, prosseguindo com a Reunião dos Dirigentes e as reuniões das Áreas específicas.

REUNIÃO DOS DIRIGENTES

Participaram dessa reunião: pela FEB – Nestor João Masotti (Coordenador) e Altivo Ferreira (Assessor); pelas Federativas Estaduais: Paraná, Maria Helena Marcon (FEP, Vice-Presidente); Rio Grande do Sul, Nilton Stamm de Andrade (FERGS, Presidente); Rio de Janeiro, Gerson Simões Monteiro (USEERJ, Presidente); Santa Catarina, Telmo José Souto-Maior (FEC, Presidente) e São Paulo, Antonio Cesar Perri de Carvalho (USE, Presidente), além de vários assessores. A Secretaria esteve a cargo de Aylton Guido Coimbra Paiva.

Foi efetuada a avaliação dos trabalhos decorrentes dos assuntos da reunião anterior: 1. Preparação de trabalhadores espíritas para as tarefas de Unificação; 2. Informações sobre a estrutura organizacional das Entidades Federativas. Os relatos das representações federativas foram muito positivos, demonstrando que é grande o interesse em investir na preparação dos trabalhadores, através de centro de treinamento (FERGS), seminários e encontros estaduais ou regionais, assim como na reestruturação dos órgãos de unificação e interiorização do trabalho, referindo-se o Paraná à criação de um Grupo de Planejamento de Ação Federativa. Em seqüência, tratou-se do assunto da pauta – “Técnicas para o aprimoramento da Administração da Casa Espírita”. Várias contribuições foram apresentadas, dentre as quais o opúsculo oferecido pela USE-SP sobre *Como Fundar um Centro Espírita*, e a projeção pela USEERJ de um vídeo sobre *Como organizar a empresa*, adaptável ao Centro Espírita e seus dirigentes. A próxima reunião será realizada em Florianópolis (SC), nos dias 19, 20 e 21 de maio de 2000, com dois assuntos; a) Realidade e problemas do Movimento Espírita; b) Recursos para a manutenção das atividades espíritas.

O Coordenador da Comissão Executiva do 1º Congresso Espírita Brasileiro, Weimar Muniz de Oliveira, informou sobre o desenvolvimento dos trabalhos preparatórios e distribuiu cartazes e *folders* do evento, que se realizará em Goiânia (GO) no período de 1º a 3 de outubro deste ano.

SESSÃO PLENÁRIA

Domingo pela manhã (dia 2), reiniciou-se a Reunião Geral, com a sessão de encerramento dos trabalhos, à qual compareceu o Presidente Juvanir Borges de Souza, havendo a apresentação dos relatos das atividades desenvolvidas nas seguintes Áreas específicas:

a) Área da Atividade Mediúnica e do Atendimento Espiritual na Casa Espírita, coordenada por Marta Antunes de Oliveira Moura, com a colaboração de Maria Euny Herrera Masotti. Assuntos tratados: 1. Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas nessa Área; 2. “Análise de Programa de Estudo e Educação da Mediunidade”, registrando-se várias contribuições e entregas de documentos que demonstraram o quanto esse trabalho cresceu. Assuntos para a próxima reunião: 1. Levantamento das dificuldades e necessidades no campo da mediunidade, com apresentação de propostas e sugestões; 2. Elaboração de procedimentos de organização e funcionamento de grupos de estudo da mediunidade; 3. Análise da apostila da USEERJ – “Um Roteiro de Trabalhos Mediúnicos”.

b) Área da Comunicação Social Espírita, coordenada por Merhy Seba. Assuntos tratados: a) Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades

desenvolvidas pela CSE; b) Campanha de Divulgação do Espiritismo: implementação e desenvolvimento nos Estados; c) “A Internet no Movimento Espírita e A Arte Espírita”. Assunto para a próxima reunião: Minicursos de *Jornalismo* (a ser ministrado pelo jornalista Rogério Felisbino da Silva, da Federativa catarinense) e *Publicidade e Propaganda*, a cargo de Merhy Seba.

c) Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita: a) Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas pelo ESDE; b) “Sugestões para dinamizar a tarefa do ESDE, priorizando a ação do monitor; A participação do presidente da Casa Espírita no trabalho do ESDE; Preenchimento do formulário de levantamento de dados estatísticos do ESDE”. Assuntos para a próxima reunião: 1. Capacitação em técnicas e recursos didáticos; 2. Critérios para análise de programa de estudo.

d) Área da Infância e Juventude, coordenada por Sandra Maria Borba Pereira, na ausência justificada da Diretora do DIJ/FEB, Rute Ribeiro com a colaboração, no setor de música, de Marisa Priolli dos Santos Fonseca. Assuntos tratados: Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas pelo DIJ; b) “Capacitação do Evangelizador, com ênfase na educação do sentimento”. A Vice-Presidente Cecília Rocha, comparecendo aos trabalhos do grupo, destacou alguns pontos discutidos na Área do ESDE, lembrando aos integrantes do DIJ que cada programa (Evangelização e ESDE) possui seus objetivos, clientela e metodologia específicos. Assuntos para a próxima reunião: Continuação do estudo do tema “Capacitação do Evangelizador, com ênfase na educação do sentimento”, com apresentação pelas Federativas de suas experiências relativamente a trabalhos integrados entre o DIJ e Departamentos ou Setores vinculados à Família.

e) Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira. Assuntos tratados; a) Relatos das Entidades Federativas sobre as atividades desenvolvidas no SAPSE; b) “Apresentação e discussão sobre metodologia de ação do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita”; c) Cadastro de Entidades e Atividades do SAPSE; d) Aspectos atinentes ao Manual de Apoio para as atividades do SAPSE. Assunto para a próxima reunião: “O Voluntário do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita: Recrutamento; Características; Preparo”.

O Secretário Aylton Paiva fez uma exposição acerca dos principais assuntos tratados na Reunião dos Dirigentes.

Usaram da palavra o Presidente da FEB, os Presidentes da FEEGO e da ABRADE, os Dirigentes das Federativas Estaduais e o Coordenador dos trabalhos. A prece de encerramento foi proferida pelo Presidente da FERGS. ■

Questões acerca da natureza do Espiritismo – II

Revisão da Terminologia Espírita?

SILVIO SENO CHIBENI

Neste artigo analisa-se criticamente a proposta de revisão de certos termos utilizados em Espiritismo, que alguns alegam ser necessária para a “modernização” da doutrina ou para sua “adaptação” ao progresso da ciência. ¹
Questão:

Algumas pessoas alegam que é necessário atualizar os termos técnicos utilizados no Espiritismo. Para elas o uso de termos como ‘fluidos’, ‘mediunidade’, etc. prejudica a posição científica do Espiritismo. Há alguma fundamentação, em filosofia da ciência, para essas críticas? Sendo uma ciência independente, dedicada ao estudo de fenômenos que escapam ao escopo das ciências clássicas, o Espiritismo não teria a liberdade de definir seus próprios termos? Historicamente, o Espiritismo precede à metapsíquica e à parapsicologia, sendo também anterior às novas concepções de matéria e energia da física atual. Isso não lhe daria a posição de pioneiro no estudo e definição dos fenômenos espíritas, cabendo-lhe o direito de estabelecer sua própria nomenclatura?

Resposta:

As considerações sobre a natureza da linguagem apresentadas no primeiro artigo desta série já forneceram o essencial para esclarecer o presente problema. Igualmente, as afirmações corretas implícitas nas próprias interrogações do final da questão tornam a resposta quase desnecessária. Todavia, gostaria de acrescentar algo em sentido explícito.

De fato, propostas de revisão do vocabulário técnico do Espiritismo são bastante comuns hoje, especialmente por parte de pessoas com alguma familiaridade com disciplinas acadêmicas. Os termos mencionados como exemplo parecem, em particular, causar-lhes certo incômodo, sendo freqüentemente substituídos por palavras como ‘energia’ e ‘paranormalidade’, ‘sensibilidade’, etc. Imagina-se estar assim conferindo maior cientificidade ao Espiritismo, livrando-o de noções “ultrapassadas” do século XIX. Ora, o mais elementar senso filosófico mostra que não é no vocabulário que assenta o caráter científico ou não de uma disciplina.

As palavras são, como foi lembrado no artigo anterior, meros símbolos para a expressão de conceitos; se estes não encontrarem respaldo em uma teoria científica coerente, abrangente e empiricamente adequada (isto é, adaptada aos fatos), de nada adiantará modificá-las. Por outro lado, uma teoria científica não será substancialmente alterada pela modificação de seu vocabulário. Logo, qualquer alegação de que o Espiritismo tem de passar por uma atualização não pode limitar-se à substituição de palavras, como ingenuamente se procura fazer. Essa alegação só se poderia justificar a partir de uma análise profunda, exaustiva e meticulosa da teoria espírita e de todos os fatos de que trata, que revelasse racionalmente que ela não lhes dá explicação adequada, ou contém falhas de consistência lógica, propondo-se concretamente uma outra teoria melhor que a possa substituir. No parágrafo 134, n. 8, de *O Livro dos Médiuns* Kardec resume as condições para uma crítica sustentável do

Espiritismo (e, aliás, de qualquer outra ciência) que, por sua lucidez e atualidade, merece ser aqui reproduzida:

O Espiritismo não pode considerar crítico sério senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto o adepto mais esclarecido; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência: aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhe aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por aparecer.

Esse trecho serviu de mote para o artigo “A excelência metodológica do Espiritismo”, citado na lista de referências bibliográficas. Nele procuro mostrar, ainda que de forma breve e simplificada, que as condições para uma revisão do Espiritismo em nome da cientificidade até hoje não foram satisfeitas. A teoria espírita Kardequiana tem tudo o que é essencial para sua classificação como uma ciência genuína, à luz das concepções atuais da filosofia da ciência. Não é naturalmente o caso de repetir aqui o que expus nesse trabalho e em outros sobre o mesmo tema. No entanto, parece-me importante particularizar um pouco a análise, com vistas aos exemplos dados na pergunta.

A palavra ‘mediunidade’ foi criada por Kardec para designar a faculdade que certos indivíduos possuem de servir, em maior ou menor grau e de modos diversos, de intermediários entres os Espíritos e os homens. Essa noção recebeu precisão e conteúdo cognitivo por sua inserção em uma teoria completa dos fenômenos mediúnicos, exposta principalmente em *O Livro dos Médiuns* (ver o artigo “Estudo sobre a mediunidade”, citado no final). Embora ela se encontre, como qualquer teoria científica, em contato periférico com teorias de áreas contíguas, de dentro e de fora do Espiritismo, possui bases de sustentação autônomas, não tendo que sofrer alterações substanciais ou terminológicas em virtude do que possa ocorrer nesses domínios conexos.

As modificações que se têm proposto para o Espiritismo geralmente limitam-se ao plano lingüístico, como se tivesse vergonha de escrever ou pronunciar as palavras ‘médiun’ e ‘mediunidade’, preferindo-se antes adornar o discurso com termos rebuscados, provenientes de linhas de investigação incipientes ou pseudocientíficas, como a metapsíquica, a parapsicologia e diversas vertentes ligadas à psicologia ou mesmo a doutrinas orientalistas.

É evidente que isso só contribui para aumentar as dificuldades de compreensão e comunicação ou, o que é pior, para dispersar as pesquisas relativamente ao núcleo teórico paradigmático da ciência espírita, com graves repercussões para o seu desenvolvimento. Constitui fato reconhecido entre os filósofos da ciência contemporâneos que as substituições de conceitos e teorias fundamentais numa ciência somente se justificam pela degeneração global do programa de pesquisa no qual se inserem, juntamente com o fornecimento efetivo de um programa alternativo que o suplante em coerência, abrangência, precisão e fertilidade heurística. Ora, não padece dúvida para qualquer estudioso isento que nada disso sequer esboçou-se no caso do Espiritismo.

Considerações semelhantes aplicam-se à palavra ‘fluido’. É certo que ao cunhar a expressão ‘fluidos espirituais’ para denotar certos elementos materiais “sutis” que tomam parte em processos diversos examinados pelo Espiritismo,

como a ação dos Espíritos sobre a matéria ordinária (mediunidade, curas, passes, etc), ou a constituição dos corpos e da ambiência dos Espíritos (perispírito, objetos do mundo espiritual, etc.), Kardec procurou analogias, ainda que tênues, com certos elementos que, segundo as melhores teorias físicas da época, participariam dos fenômenos elétricos, magnéticos ou térmicos: os chamados fluidos elétrico e magnético, e o calórico, igualmente invisíveis, sutis, imponderáveis.

Ora, como não houve mais do que analogia e apropriação de um símbolo lingüístico para construir uma expressão nova – ‘fluidos espirituais’, que em geral se simplificava para ‘fluidos’, dentro do contexto espírita -, não se segue que a teoria espírita tenha de ser modificada terminológica ou substancialmente na caracterização dos referidos processos porque as teorias físicas que sugeriram as analogias tenham sido alteradas ou substituídas no curso evolutivo da física.

Um historiador da ciência bem informado seguramente poderá encontrar diversas situações semelhantes no âmbito das ciências acadêmicas. Reportemo-nos de passagem, por exemplo, ao que aconteceu na química quando as teorias físicas sobre a estrutura da matéria se alteraram na década de 1920, com o desenvolvimento e aceitação da mecânica quântica. Embora os químicos tenham levado em conta a nova teoria física, dada a proximidade e as interseções entre as áreas, tendo-se mesmo criado ramos e técnicas de cálculos novos na química, as concepções e métodos referentes às ligações químicas, estruturas moleculares, etc. continuaram mais ou menos como eram, em um amplo espectro de investigações teóricas e experimentais.

Voltando ao caso do Espiritismo, salienta-se bem na pergunta que ele constitui “uma ciência independente, dedicada ao estudo de fenômenos que escapam ao escopo das ciências clássicas”, tendo “a liberdade de definir seus próprios termos”; e, poderia acrescentar: seus conceitos e teorias. Modificações nesses pontos só se legitimariam, repito, na medida em que análises rigorosas internas ao programa científico espírita indicassem sua necessidade.

Ainda com relação à noção de fluido, deve-se notar que ela não é tão abominada na física como parecem crer os reformistas. Em primeiro lugar, cumpre notar que todos os líquidos e gases são fluidos, e seu estudo é feito em diversas áreas da ciência, como a hidrodinâmica. Depois, quanto à eletricidade, magnetismo e termodinâmica, as teorias atuais prescindem dessa noção no *nível operacional*, tendo assumido feições preponderantemente matemáticas e preditivas. No entanto, quando se desce à análise de fundamentos – e raros cientistas dedicam-se a isso atualmente – percebe-se que, à semelhança das demais teorias da física, estão envoltas em problemas conceituais graves. Não é nada claro, por exemplo, o que seja um campo elétrico ou magnético (noções usadas nas teorias físicas que sucederam às teorias de fluidos), não do ponto de vista de sua caracterização matemática, é claro, mas de sua representação intuitiva, de sua essência, do modo pelo qual surge, se propaga e causa certos fenômenos. Lembremo-nos, por fim, que os próprios pais da teoria eletromagnética, como Faraday e Maxwell, não dispensaram o conceito de fluido quando se tratava de *explicar* – e não simplesmente calcular – os fenômenos.

Dir-se-á talvez que Einstein banuiu esse conceito da ciência ao criar a teoria da relatividade restrita, em 1905. Embora essa afirmação se tenha tornado comum em certos círculos, entre os especialistas em fundamentos não há consenso sobre o ponto, não obstante seja claro que o chamado “éter

eletromagnético” *regido por leis mecânicas* não compareça na aludida teoria. Mas essa não é a única teoria da ciência, nem tampouco está isenta de dificuldades conceituais e teóricas diversas. Evidentemente, este não é o lugar para adentrar esse tópico complexo. Fica, porém, uma advertência aos espíritos de boa vontade para que não se deixem influenciar facilmente por tais assertivas, antes que façam estudos profissionais, que levem em conta, por exemplo, a teoria da relatividade geral e todas as perplexidades que envolvem as teorias do espaço-tempo e da cosmologia contemporâneas, nas quais noções muito próximas à de fluido parecem estar encontrando lugar.

Apenas para concluir, vale mencionar que virou moda nos meios espíritos e semi-espíritos a substituição da palavra ‘fluido’ por ‘energia’, sempre no pressuposto de que é por aí que vai a ciência. Ora, assim como as noções de espaço, tempo, força, massa, carga elétrica, campo, etc., a noção de energia é objeto de inúmeras dificuldades conceituais, não se ganhando nada em clareza, precisão e cientificidade com a sua utilização, muito pelo contrário. Ademais, esse uso apresenta o inconveniente de se dar numa área distante da área de sua criação original, a física, representando uma enxertia no programa científico espírita, fonte certa de confusões.

A respeito da utilização das noções das palavras ‘fluido’, ‘energia’ e ‘magnetismo’ no Espiritismo, recomendo a leitura dos artigos de Aécio P. Chagas, “Polissemias no Espiritismo” e “A Ciência Confirma o Espiritismo?” outra análise profissional do emprego impróprio de noções científicas, em particular da noção de energia, no Espiritismo é feita no artigo “Algumas Considerações Oportunas Sobre a Relação Espiritismo-Ciência”, de Ademir L. Xavier Jr., que também consta da lista de referências bibliográficas.

*

No próximo artigo desta série será examinado o aspecto religioso do Espiritismo, que apesar de ter sido lucidamente abordado por Kardec ainda parece não ser bem compreendido em alguns setores do movimento espírita. ■

1. O conteúdo do texto corresponde, com algumas adaptações, a parte de entrevista concedida por mim ao GEAE (Grupo de Estudos Avançados de Espiritismo), pioneiro na divulgação do Espiritismo pela Internet. A entrevista foi publicada no Boletim n. 300 (edição extra), que circulou em 7/7/1998, podendo ser encontrado no *site* <http://www.geae.org>. Gostaria de agradecer ao GEAE a anuência para o aproveitamento do material nesta série de artigos. Sou especialmente grato aos seus membros Ademir L. Xavier Jr., pela iniciativa da entrevista, e Carlos A. Iglesia Bernardo, por haver reunido as relevantes e oportunas questões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(Estes artigos e outros que tratam de assuntos correlacionados estão disponíveis também no site do Grupo de Estudos Espíritos da Unicamp: <http://www.geocities.com/Athens/Academy/8482>.)

CHAGAS, A. P. “A ciência confirma o Espiritismo?”, *Reformador*, julho de 1995, p. 208-11.

- “Polissemias no Espiritismo”, *Revista Internacional de Espiritismo*, setembro de 1996, p. 247-49.

CHIBENI, S. S. “A excelência metodológica do Espiritismo”, *Reformador*, novembro de 1988, p. 328-333, e dezembro de 1988, p. 373-378.

- “Estudo sobre a mediunidade” (em co-autoria com Clarice Seno Chibeni),

Reformador, agosto de 1997, p. 240-43 e 253-55.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro, 59^a ed., revista, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s. d.

XAVIER Jr., A.L. “Algumas considerações oportunas sobre a relação Espiritismo-Ciência”, *Reformador*, agosto de 1995, p. 244-46.

REFORMADOR ENCADERNADO

A coleção completa, com índice alfabético das matérias, de REFORMADOR de 1998, título em gravação dourada, está à venda na Livraria da FEB, na Avenida Passos, 30, Rio de Janeiro-RJ.

Os interessados não-residentes no Rio de Janeiro poderão solicitar o seu exemplar na Rua Souza Valente, 17 CEP 20941-040 – Rio de Janeiro – RJ.

Algumas coleções de anos anteriores igualmente estão à venda.

Argumentos Científicos Contra o Aborto

MARLENE ROSSI SEVERINO NOBRE

Prólogo

A comissão de modernização do Código Penal, presidida pelo Dr. Vicente Cernicchiaro, propôs, entre outras modificações, a ampliação das possibilidades de aborto. Pela legislação em vigor, a morte do feto é permitida quando a mãe corre risco de vida ou quando a gravidez resulta de estupro. Segundo a proposta, o artigo 128 ficaria assim redigido: “não constitui crime o aborto praticado por médico se: 1) não há outro meio de salvar a vida ou preservar a saúde da gestante; 2) a gravidez resulta de violação da liberdade sexual ou do emprego não consentido de técnica de reprodução assistida; 3) há fundada probabilidade, atestada por dois outros médicos, de o nascituro apresentar graves e irreversíveis anomalias”.

Hoje em dia, muitos juízes têm concedido autorização para o aborto no caso em que o feto apresenta anomalias graves, como na ausência de cérebro. A proposta, portanto, seria a de incorporar esses casos já contemplados pela Jurisprudência ao novo Código. Mas é justo indagarmos: estariam certos os juízes que concedem tal autorização? Existiria um outro Tribunal que garantiria aos fetos deficientes o direito de viver o tempo justo e programado?

Ao nosso ver, aconselhados por médicos materialistas, os juízes não têm tido oportunidade de analisar a outra face da Verdade e estão praticando a eugenia, sem atentarem para o fato de que a Vida tem uma programação, cujo significado integral ainda escapa ao mais genial cientista.

Há, sem, uma outra face da Verdade.

Vamos alinhar alguns argumentos da Ciência contra o aborto e que permanecem desconhecidos ou não devidamente analisados por boa parte dos juízes responsáveis por essas sentenças. Antes, porém, vejamos alguns conceitos de abortamento e o modo pelo qual a quase totalidade da população do globo trata os direitos do embrião.

Direitos do Embrião

CONCEITOS: Abortamento: vulgarmente conhecido como aborto, é a expulsão de um conceito inviável.

Conceito Inviável: é aquele que pesa até 500 gramas e cuja altura máxima é de 16 cm. (Embora haja caso relatado na literatura médica de feto que tenha sobrevivido com peso de 390 gramas, considera-se o conceito citado como parâmetro comum).

Aborto provocado: também chamado de criminoso é aquele que interrompe intencionalmente a gravidez, através de manobras ou medicamentos que são utilizados para matar e expulsar o conceito (feto ou embrião).

VISÃO HEDONISTA: Qual seria o móvel que leva uma mulher a expulsar o feto que se agasalha em suas entranhas? Por que ela contraria todos os sentimentos atávicos, alicerçados em sua estrutura psíquica, em bilhões de anos de evolução, e concretiza tal violência em si mesma?

Sabemos que inúmeros fatores compelem a mulher ao aborto, mas os que mais pesam são, sem dúvida, a falta de informação quanto ao seu próprio corpo e às possibilidades de planejamento familiar; a falta de apoio do ser no qual confiou, e, sobretudo, a visão hedonista – o culto ao prazer – tão disseminada em nossa época que a leva a repudiar a idéia de “perder a liberdade” ou de gerar um filho defeituoso. Essa mesma visão materialista impele o companheiro e as pessoas à sua volta, a negarem-lhe apoio, desvalorizando sua missão maternal.

Desse modo, embora a maternidade tenha um forte apelo no psiquismo da mulher, nem sempre a razão é um guia infalível, e o resultado é que ela acaba praticando o ato de violência contra o filho e contra si mesma, quando todo o seu ser foi construído para resguardar a vida que se aninha em seu seio.

Nos casos de aborto provocado, os responsáveis têm a razão falseada “pela má educação, pelo orgulho e pelo egoísmo”, enfim, pela vivência do paradigma materialista. Esse mesmo paradigma que, adotado por inúmeros países, instituiu e sustentou, no século passado, a prática do infanticídio (ainda presente em menor escala nos nossos dias), e que apóia, presentemente, a prática abortiva generalizada, destituindo e embrião e o feto de qualquer direito.

A imagem passada pelos defensores desses princípios, incluindo-se aí os formadores de opinião, é de que o embrião é um amontoado de células, sem grande significado, uma massa informe, que se pode manipular facilmente, decretando-se, assim, a banalização da vida.

Os médicos e cientistas que se norteiam por essa visão reducionista-materialista também não conferem direitos ao embrião, muito menos aos que apresentam deficiências.

Entretanto, existem pesquisadores da área médica, pensadores e estudiosos em geral, que não partilham desse prisma estreito. Para estes, o embrião é uma potencialidade, uma individualidade merecedora de todo o respeito e, no caso específico do nosso país, com o direito assegurado à vida, pelo artigo 5º da Constituição.

A Ciência não pode negar as qualidades da célula-ovo. Em nenhum momento da história humana, encontramos tanto potencial dentro de uma única célula: sua extraordinária força germinativa, seu DNA inconfundível e único, que o difere de sua genitora e demonstra que ele não é propriedade sua. Em um mês, esta célula terá um aumento de massa de dez mil vezes e esta velocidade de desenvolvimento jamais se repetirá em nenhum momento da existência de qualquer indivíduo.

Não há dúvida, de que o abortamento induzido significa eliminação de uma pessoa biologicamente viva. Mas os materialistas dizem que não é bem assim. Nesta questão, talvez o conceito mais instigante seja o da própria vida.

O que é vida?

Os cientistas ainda não chegaram a um consenso quanto à definição do que é Vida. E nem os maiores centros de investigação científica do mundo conseguiram, até os dias de hoje, defini-la e dar uma explicação plausível para o seu aparecimento no planeta. Tudo gira no campo das hipóteses.

Para muitos, ela não passa de um epifenômeno da matéria e teria surgido por acaso, hipótese defendida, entre outros, pelo falecido biólogo francês,

Jacques Monod, mas, como afirmam os irmãos Bogdanov os avanços da física quântica não dão respaldo a esta teoria. Para outros, está associada a uma essência imaterial, anterior e transcendente à estrutura tangível.

No livro “Deus e a Ciência”, do filósofo Jean Ghitton e dos físicos Grichka e Igor Bogdanov, existem argumentos muito fortes que refutam o surgimento da vida por acaso. Vejamos um deles:

“Tomemos um caso concreto: uma célula viva é composta de uns vinte aminoácidos que formam uma cadeia compacta. A função desses aminoácidos, depende, por sua vez, de cerca de duas mil enzimas específicas. Continuando o mesmo raciocínio, os biólogos foram levados a calcular que a probabilidade de que um milhão de enzimas diferentes se aproximem de um modo ordenado até formar uma célula viva (ao longo de uma evolução de bilhões de anos) é da ordem de 10 elevado a 1.000 contra um”. Com esse e outros argumentos matemáticos, os irmãos Bogdanov demonstram a improbabilidade de a vida ter surgido por acaso. Propõem, então, “um fenômeno de ordem subjacente” que conduz inelutavelmente ao surgimento da vida. A Sublime Consciência do Universo – Deus – estaria por trás dessa ordem subjacente. É o Supremo dispensador da Vida. Esta, portanto, é um bem inalienável que transcende os limites estreitos da matéria.

A humanidade somente dará um grande passo evolutivo, quando conferir ao embrião os mesmos direitos inalienáveis próprios dos cidadãos comuns, começando pelo primeiro e mais importante deles, o da própria vida.

Estruturas imateriais organizadoras da vida

No século XX, muitos pesquisadores têm investigado estruturas imateriais que seriam modelos organizadores biológicos e sobreviveriam à morte do ser. Harold Saxton Burr, da Escola de Medicina de Yale, Inglaterra, com suas experiências sobre os “Campos Eletrodinâmicos da Vida”, Hernani Guimarães Andrade, do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, com seus experimentos sobre o Campo Biomagnético, Rupert Sheldrake, mestre em Biologia na Inglaterra, com suas investigações sobre os campos mórficos e a ressonância mórfica, têm contribuído para o estudo dessas estruturas imateriais.

Se esses campos estruturais da forma estão presentes, desde os átomos simples de hidrogênio aos seres vivos mais complexos, como afirma Sheldrake, certamente, o paradigma materialista, que norteia a maioria dos cientistas, terá de mudar. Naturalmente, os direitos inalienáveis do embrião terão de ser reconhecidos, porque na sua moldagem entram essas estruturas constituídas de outro tipo de “matéria” que obedecem a propósitos e leis ainda ignorados dos próprios cientistas.

Psicologia Fetal

Hoje os avanços nos estudos da psicologia fetal e no campo da memória também estão empurrando a Ciência, além dos limites da matéria. As pesquisas com ultra-som revelam as personalidades dos bebês e a riqueza de sua vida psicológica pré-natal, mesmo nas fases mais iniciais do desenvolvimento embrionário. Por sua vez, a regressão de memória à vida fetal e até mesmo antes dela, estão comprovando que a Vida ultrapassa os limites estreitos de

uma única existência terrestre.

Assim, as pesquisas no campo da psicologia comportamental acerca das funções perceptivas do feto, os trabalhos de regressão por hipnose ou pela terapia regressiva a vivências passadas reafirmam os dados obtidos pela psicanálise, ampliando ainda mais o conceito de Vida, ao descortinar as lembranças de existências pretéritas (no caso da TRVP), confirmando os princípios da reencarnação e da sobrevivência do Espírito.

A descoberta da memória celular com o mapeamento de 60 neuropeptídeos que estocam informações imunológicas, endocrinológicas e neurológicas estão revolucionando a ciência médica e indicam, claramente, a potencialidade extraordinária de uma única célula, como por exemplo, o zigoto ou célula-ovo, que traz em si mesma um patrimônio considerável de força, vitalidade e criatividade.

Chega-se à conclusão, hoje, de que o campo da memória é um “sistema único de comunicação interacional”, seja ela de que natureza for: inconsciente, consciente, celular e assim por diante.

O Feto Não é Propriedade da Mãe

Um dos principais argumentos dos abortistas, é de que o filho é propriedade da mãe, não tem identidade própria, portanto, é ela quem decide se ele deve viver ou morrer.

Estudos recentes demonstram o que já se sabia há muito tempo: o feto é uma personalidade independente que apenas se hospeda no organismo materno.

Peter Brian Medawar (1915-1987), prêmio Nobel de Medicina, nascido no Brasil, mas radicado na Inglaterra, e outros cientistas, desde 1953, apontavam para uma aparente contradição: o fato de o feto conseguir sobreviver dentro do corpo da mulher, sem ser considerado um elemento estranho, e conseqüentemente eliminado, pelo organismo hospedeiro. Estudo recente publicado por eles na conceituada revista “Nature” (27/8/98) mostrou um mecanismo bioquímico de defesa do feto. Este produziria uma enzima, aIDO, capaz de eliminar o triptofano, um aminoácido que ativa a produção de células de defesa tipo T da mãe. O estudo feito por sete autores, liderados por Andrew L. Mellor (Medical College, Georgia), se confirmado, poderá, no futuro, auxiliar mães com problemas de abortos sucessivos.

Como se vê, o embrião é um ser tão distinto da mãe que necessita emitir substâncias apropriadas para neutralizar as que são produzidas pelo organismo da hospedeira e, dessa forma, manter-se vivo dentro do útero.

Conclusão

O movimento espírita deve aproveitar todos os recursos possíveis no combate à legalização do aborto, tendo em vista que este crime hediondo, uma vez legalizado, pode complicar os destinos evolutivos de nossa pátria. As colocações, que ora apresentamos, são esboços de argumentos, que devem ser desenvolvidos e, uma vez consolidados, poderão se somar a tantos outros, jurídicos e doutrinários, para mais ampla fundamentação dessa campanha.

Sem uma linguagem que ultrapasse o mero campo da crença, o que vale

dizer, sem uma argumentação baseada na Ciência, fica difícil combater o abortamento, sobretudo, no reduto dos formadores de opinião, onde é mais fortemente defendido, ou seja, junto à mídia e às classes médica e jurídica, que exercem em seu conjunto, papel relevante dentro da sociedade.

Todo aquele que se interessar por maiores esclarecimentos sobre o assunto poderá ter como base o pequeno referencial aqui levantado, ampliando-o, evidentemente, com o rigor de suas próprias pesquisas.

(Resumo do resumo do trabalho (40 páginas) de autoria da Dra. Marlene Nobre para a reunião anual do Conselho Federativo Nacional (CFN), realizada no dia 5/11/98, na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília, apresentado pelo Dr. Roberto Lúcio Vieira de Souza, Vice-Presidente da AME-Brasil, que participou, como convidado, do referido evento. As razões científicas vão juntar-se aos demais argumentos para uma campanha nacional permanente contra o aborto). ■

(Transcrito da *Folha Espírita* de abril de 1999.)

*

Aborto

(Questões formuladas por Allan Kardec em "O Livro dos Espíritos", edição FEB).

357. *Que conseqüências tem para o Espírito o aborto?*

"É uma existência nulificada e que ele terá de recomeçar."

358. *Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?*

"Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando."

359. *Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salva a segunda?*

"Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe."

Seara Espírita

ACRE: ENCONTRO PARA TRABALHADORES ESPÍRITAS

A Federação Espírita do Estado do Acre promoveu nos dias 15 e 16 de maio o Encontro para Formação de Trabalhadores Espíritos, dirigido por Dori Vânia da Costa Cunha, Presidente da Federação Espírita Amazonense.

▪

CEI: COORDENADORIA DA EUROPA

Ocorreu em Madrid, Espanha, de 2 a 4 de abril deste ano, a 2ª Reunião da Coordenadoria de Apoio ao Movimento Espírita da Europa, órgão do Conselho Espírita Internacional. Estiveram presentes representações de todas as Entidades Espíritas européias que representam os países integrantes do CEI naquele continente: Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Portugal e Suécia. Como convidados compareceram, também, confrades que participam das atividades espíritas da Alemanha e da Bélgica. Esteve presente o Secretário-Geral do CEI, Nestor João Masotti. Essas reuniões têm ensejado uma maior dinamização e crescimento do Movimento Espírita europeu.

▪

PARANÁ: SIMPÓSIO SOBRE O ABORTO

A Associação Médico-Espírita do Paraná (AME-PR) e a Federação Espírita do Paraná, em conjunto com a Associação dos Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná (ADE-PR), a Comunhão Espírita Cristã de Curitiba (CECC), a Faculdades Integradas “Espírita”, o Centro Homeopático “Samuel Hahnemann” e a Fundação de Estudos Médicos Homeopáticos do Paraná deram início no dia 29 de maio, com o Simpósio sobre o Aborto, à campanha “*Vida, sim à gravidez*”. O evento foi realizado no auditório / teatro da Federação Espírita do Paraná, com a presença de representantes de todas as Uniões Regionais Espíritas do Estado e de grande público da região metropolitana de Curitiba. (Mundo Espírita).

▪

RIO DE JANEIRO: XIV CEERJ

Com o tema “Espiritizar, Qualificar e Humanizar”, a União das Sociedades Espíritas do Rio de Janeiro (USEERJ) promoverá no Colégio D. Pedro II, Campo de São Cristóvão, a XIV Confraternização Espírita do Estado do Rio de Janeiro, nos dias 28 e 29 do corrente mês. São objetivos da CEERJ, entre outros: Reunir as instituições Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, com o propósito de *unir* os espíritos e, a partir daí *unificar* o Movimento Espírita do Estado; promover a reflexão sobre temas atuais e atividades desenvolvidas pelas Instituições Espíritas com vistas ao amadurecimento e aperfeiçoamento dos trabalhos realizados pelo Movimento Espírita.

▪

CONGRESSO ESPÍRITA BRASILEIRO

O Boletim Informativo do 1º Congresso Espírita Brasileiro – evento promovido pela Federação Espírita Brasileira que será realizado em Goiânia (GO) pela Federação Espírita do Estado de Goiás, de 1º a 3 de outubro deste ano -, está circulando desde maio e, em seu variado noticiário, chama a atenção para que os interessados providenciem a respectiva *inscrição*, cuja taxa, que era de R\$ 30,00 até 30 de junho, será de R\$ 40,00 até 31 de agosto e de R\$ 50,00 a partir de setembro, até a data do evento.

ARGENTINA: CEA COMEMORA 99º ANIVERSÁRIO

A Confederación Espiritista Argentina comemorou no dia 12 de junho passado, em solenidade na sua sede, em Buenos Aires, o 99º aniversário de sua fundação. Na oportunidade, fazendo um histórico das profícuas atividades da CEA em sua centenária existência, usou da palavra a Sra. Rosalba D'Atri de Santesteban, Diretora de *La Idea*, revista da Confederación. Além da FEB, estiveram representados no referido evento o Conselho Espírita Internacional e a Federación Espírita Uruguaya.

▪

R. G. DO NORTE: CONGRESSO ESPÍRITA

Será realizado no Centro de Convenções de Natal, de 26 a 29 deste mês, o 9º Congresso Espírita do Rio Grande do Norte, promoção da Casa de Caridade “Adolfo Bezerra de Menezes”, com o apoio da Federação Espírita do Rio Grande do Norte e do Conselho Federativo Estadual. Com o objetivo de atualizar o aprendizado e refletir sobre a importância da Doutrina Espírita em nossas vidas, foi escolhido o Tema Central “Família – Célula Universal do Amor”, desdobrado em 35 assuntos que constituem o Temário Básico, a ser desenvolvido por 18 expositores de vários Estados brasileiros.

▪

CHILE: ENCONTRO ESPÍRITA

Nos dias 2 e 3 de abril deste ano, foi realizado em Santiago, capital do Chile, o Encontro Espírita Chileno, promovido pelo “Centro de Estudios Espíritas Buena Nueva”, que teve por lema “Unificar para progresar” e por tema: “Estudio, Práctica y Divulgación de la Doctrina Espírita”. Participaram 150 pessoas, representando todos os Centros Espíritas do Chile, desde Antofagasta até Punta Arenas. Estiveram presentes representações de outros países – Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai -, assim como do Conselho Espírita Internacional.